

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

- Do Espiritismo — (CONSIDERAÇÕES GERAIS) — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.**
A Substância — DR. MARTINS VELHO.
Ascese Evolucionista — A. A. DE FREITAS E SILVA.
¡ Pruebas, pruebas! — QUINTÍN LÓPEZ.
Domínio mental — JOSÉ A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE.
Comissões Brasileiras Pró-Federação Espírita Portuguesa.
Amar a Deus — DR.^a AMÉLIA CARDIA.
Quintín López Gómez — Zanelli Caldas.
Razão de Selvagem — ZANELLI CALDAS.
Sôbre o problema do Mal — ANTÓNIO L. VILELA.
Crónica estrangeira — PEDRO CARDIA.
Depoimentos: — Aos Católicos — PASTORAL DO BISPO BRASILEIRO, SENHOR D. FRANCISCO FEDERIO.
Noticiário.
Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa.
Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

LIVROS RECOMENDADOS

(Originais e traduções portuguesas)

Lacombe (Madeleine Frondoni)	
O Segredo da Morte, br.	12\$00
Pellisser (D. José Amigó y)	
Roma e o Evangelho, br.	8\$00
Aksakof (Alexander)	
Animismo e Espiritismo, br.	20\$00
Leopoldo Cirne	
Doutrina e Práticas do Espiritismo, (2 vols.) br.	30\$00
Gibler (Dr. Paulo)	
O Espiritismo, br.	12\$00
Fernando de Lacerda	
Do País da Luz — Primeiro, Segundo e Terceiro Vol. br., cada volume	8\$00
Quarto volume, br.	9\$00
Martins Velho (Dr. A. A.)	
O Espiritismo Contemporâneo, br.	8\$00
As Potências Ocultas do Homem	12\$00
NOVAS ELUCIDAÇÕES do Quar- to Evangelho, por João, o Evange- lista, (edição do Centro Espirita de BRAGA), broch.	4\$50

REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO (Os Qua- tro Evangelhos)

Recebidos e coordenados por J. B.
Roustaing. (4 vols.) br. 40\$00

Allan Kardec

O Livro dos Espíritos, br.	7\$00
O Livro dos Médiuns, br.	7\$00
O Céu e o Inferno, br.	10\$00

Léon Denis

No Invisível, (Espiritismo e Medium- nidade) br.	10\$00
O Problema do Ser e do Destino, br.	10\$00
Cristianismo e Espiritismo, br.	8\$00

Arthur Conan Doyle

A Nova Revelação, br. 7\$00

Max (Dr. Bezerra de Meneses)

Espiritismo — Estudos Filosóficos,
3 vol. br. 15\$00

Delanne (Gabriel)

O Fenómeno Espirita, br.	12\$50
O Espiritismo ante a Ciência, br.	14\$00

Todos estes livros se encontram à venda na

EMPRESA LITERARIA LUZ E CARIDADE

BOM JESUS — BRAGA

La Revue Spirite

Fundée en 1858 por Allan Kardec

DIRECTEUR: Jean Meyer

Portugal 25 fr. por ano

8, Rue Copernic — PARIS (XVI^e)

La Luz del Porvenir

Órgano de la Federación Espirita Española

Fundada em 1878 por D. Amelia D. Soler

DIRECTOR: Salvador Vendrell Xuelá

Portugal. 6 pesetas, año

San Luis, 28, 2.º — BARCELONA

Revista Internacional de Espiritismo

Publicação mensal profusamente ilustrada e noticiosa

DIRECTOR: Cairbar Schutel

Portugal, as. anual, moeda brasileira, 30\$000

MATTÃO — (Estado de S. Paulo) — Brasil

REFORMADOR

Órgão da Federação Espirita Brasileira

Fundada em 1883

DIRECTOR: Almirante Paim Pamplona

GERENTE: Américo L. Vieira

Portugal, as. anual, moeda brasileira, 14\$000

Avenida Passos, 28-30 — RIO DE JANEIRO

Agente geral para Portugal — PEDRO CARDIA

Rua da Assunção, 58, 4.º — LISBOA

Revista de Espiritismo

Ano II

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. António J. Freire*
— António L. Vilela.

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni*
Lacombe — D. Maria Veleda — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João An-
tunes — Dr. Évora Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell
— Prof. Arantes Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque —
Joaquim Quintela Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos
— Fernando Almiro N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira
Bravo — Capitão de Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José B.
Pinto da Silva — Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de
Castro Zuzarte — Tenente Manuel Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - Rua General Roca, 21 - RIO DE JANEIRO

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

1928 *A Revista de Espiritismo saúda, respeitosa e fraternalmente, os seus Prezados Leitores e Confrades, fazendo votos a Deus pela Paz da Humanidade e Harmonia Universal.*

Do Espiritismo

(CONSIDERAÇÕES GERAIS)

Dominado, nos dois últimos séculos, o absolutismo político e teocrático, o pensamento humano, liberto dos falsos preconceitos e das prepotências seculares que o escravizaram ao capricho de interesses inconfessáveis, lançou-se, ébrio de luz e de liberdade, na conquista duma nova civilização, construindo vastos sistemas científicos e filosóficos, maravilhosos nos seus limitados aspectos material, utilitário e analítico, ainda que desorientados no sentido profundo da vida, nos seus nobres aspectos espiritualista e sintético.

Este manifesto desequilíbrio de que enferma a ciência contemporânea, sem finalidade filosófica, numa desarticulação esterilizante, é, no entanto, a lógica e natural reacção, ainda que desordenada e violenta, contra o despotismo torturante e inquisitorial das caducas religiões milenárias, petrificadas na imobilidade dos seus dogmas anti-progressivos, infiltrando no cérebro humano o ateísmo e a descrença, num paroxismo de rebeldia anti-dogmática, em ímpetos de dignidade ultrajada no seu raciocínio e livre exame, numa ânsia indómita de liberdade consciencial que, na embriaguez do triunfo, ultrapassou os limites da razão, deturpando o verdadeiro sentido da vida.

O choque das idéas é uma necessidade inerente ao progresso, porque só assim se podem depurar, parcialmente, da mácula original da relatividade do conhecimento humano.

Assim como o materialismo, eviscerando os dogmas e tôda a mecânica utilitária e egoística das velhas religiões ocidentais, as levou ao ridículo e ao descrédito, subvertendo a consciência humana num esterilizante abismo de descrença e de negativismo, assim também, por lógica reacção, obedecendo a leis naturais e evolutivas, surge o Espiritismo em pleno século XIX, provocando um renascimento neo-espiritualista, opondo ao estreito e insubsistente conceito materialista a sua fenomenologia vasta e complexa, dum transcendentalismo perturbante e inédito, baseado num aglomerado de factos incontroversos, derivado dum experimentalismo universalmente confirmado por sábios de renome mundial, desde William Crookes a

sir Oliver Lodge, talvez os maiores físicos contemporâneos, que, pelo esforço do seu génio, produziram das maiores descobertas no domínio das sciências físico-químicas.

As mais formidáveis forças propulsoras do progresso humano neste último périplo da sua actividade febricitante é assombrosa são, talvez, a conquista do fecundo conceito da *evolução* e a aplicação sistemática do *método positivo experimental* ao estudo dos fenómenos e à dedução das leis respectivas.



ALLAN KARDEC

O glorioso Mestre e eminente Codificador do Espiritismo

Sem estas renovadoras e progressivas directrizes, as sciências, as filosofias e as artes, na sua suprema e incoercível aspiração para o Bem, para o Belo e para a Verdade, estagnariam numa paralisia asfixiante, insensíveis ao rolar dos tempos.

Integrado já no pensamento científico contemporâneo, fazendo objecto de estudo em algumas Universidades Americanas e em vários Institutos Metapsíquicos internacionais, são precisamente estas directrizes que regem tódia a dinâmica do Espiritismo, quer no amplo domínio da sua fenomenologia transcendental, quer na estrutura do seu sistema doutrinário, essencialmente evolucionista, no duplo ponto de vista: material e psíquico.

De tódia a fenomenologia espírita, tão rica de factos, quanto variada nos seus efeitos, decisivos e categóricos na evolução da Humanidade, irradia, como luminosa resultante, a comprovação positiva da sobrevivência da alma humana, conquista máxima de tódia a actividade neo-espiritualista, rasgando novos e imprevisos horizontes às sciências e às filosofias, conseguindo o Espiritismo em algumas dezenas de anos o que as religiões milenárias nunca conseguiram através das suas nebulosas concepções escolásticas e metafísicas, ilaqueadas nos erros tremendos do geocentrismo, do antropomorfismo e do binário humano (1).

(1) *Ao insubsistente binário teológico que considera no homem apenas o espírito e o corpo material, considerando o espírito ou alma como um produto de abstracção metafísica e imaterial, opõe o espiritismo o seu ternário clássico de simples e fácil compreensão: espírito, perispírito, e corpo somático.*

O perispírito, também designado corpo astral, e aerosoma pelos modernos experimentadores, tem a sua existência comprovada, quer pela fotografia, quer por vários reagentes físico-químicos, insensíveis às manifestações sub-conscientes e alucinatórias.

O perispírito como que corporiza o espírito, de que é veiculo e agente através dos diferentes planos do Universo.

E' o conhecimento da composição e da dinâmica do perispírito que nos fornece a solução lógica e natural de grande número de fenómenos, reputados misteriosos e inexplicáveis no domínio do animismo e do espiritismo, na comunicação de incarnados com desincarnados. A noção do perispírito, confirmado experimentalmente, é uma das mais fecundas descobertas dentro do Espiritismo e do Metapsiquismo contemporâneo.

O Dr. G. Geley, médico notável e metapsiquista eminente, director do Instituto Metapsíquico Internacional, de Paris, autor de obras importantíssimas, falecido recentemente, assim se expressa sobre o perispírito, na sua monografia — «Espiritismo»: — «O corpo astral ou perispírito tem no espiritismo uma importância capital.

Ele constitui o princípio intermediário entre a matéria e o espírito; o meio de união entre a alma e o corpo; a condição necessária às relações do moral com o físico.

E' composto da quintessência dos elementos combinados das encarnações anteriores. Evoluciona e progride com a alma. E' tanto mais subtil e menos material quanto o ser é mais evolucionado.

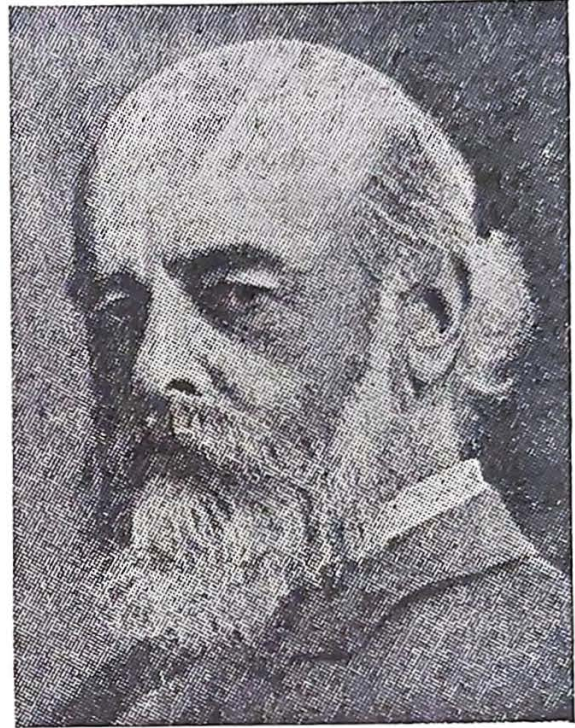
O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos alcançados, sintetiza o estado de avanço do ser.

Serve de molde, de abstracto orgânico para tódia a nova encarnação. Conden-

Aliando a uma verdade científica uma ética de beleza moral inconfundível, radicada no Cristianismo integral, o Espiritismo, no seu quadrúpulo aspecto — científico, filosófico, moral e social — tanto se impõe às inteligências mais esclarecidas, como conforta, por uma fé raciocinada e livre, os corações oprimidos pela dôr ou dilacerados pela dúvida, oferecendo-lhes, nos bálsamos do conhecimento e da experiência, a explicação lógica e natural do sofrimento e das diferenças individuais e sociais, resgatando-os das noções macabras da morte e do inferno, provando-lhes a insubsistência dos milagres, do sobrenatural e do acaso, abrindo-lhes largos e luminosos horizontes no seu eterno progredir.

* * *

Ridicularizado por uns; infamado, intencionalmente, por outros; confundido com as mais grosseiras e abjectas práticas da feitiçaria e da goécia por alguns; explorado e viciado ignobilmente por certos charlatães; desconhecido pela maior parte:— o Espiritismo tem, contudo, avançado triunfantemente através de todos os obstáculos com que a ignorância, a malvadez e ilegítimos interesses feridos têm atravancado o seu caminho luminoso de regeneração social e de ressurgimento neo-espiritualista, impondo, à face dos seus princípios básicos, lógicas resultantes do seu experimentalismo vasto e complexo, uma fé nobre e intelectualizada, dignificando o homem e divinizando Deus.



SIR OLIVER LODGE

Um dos maiores físicos da actualidade e um dos mais eminentes escritores sôbre Espiritismo

sando-se no embrião, agrupa na ordem dada as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito o resultado da fecundação traduzir-se-hia por um tumor informe.

Assegura igualmente a conservação do corpo e suas reparações, numa ordem idêntica, durante o perpétuo renovamento das células. Sabe-se que o corpo se transforma completamente no espaço de alguns meses e, sem a força perispiritual, a personalidade do sêr variaria constantemente com estas mudanças.

Formando o corpo, o perispírito modifica-se durante cada encarnação, sobretudo pelos progressos efectuados.

O perispírito não está estreitamente aprisionado no corpo do incarnado. Ele irradia, mais ou menos fora da sua superfície, segundo a sua pureza, constituindo esta radiação — a aura. Ele pode às vezes, mas numa certa medida sômente, separar-se momentâneamente do corpo, ficando ligado apenas por um laço fluídico.

Neste estado de desencarnação relativa, o sêr pode tomar conhecimento de acontecimentos realizados a distância e fazer prova de faculdades supranormais. Se, no seu êxodo, o perispírito arrasta com êle moléculas materiais em grande número, poderá então agir a distância e influenciar a vista e os outros sentidos de pessoas que o encontrem, representandô, neste caso, o duplo exacto do corpo.

Na maior parte dos casos, a exteriorização do duplo acompanha-se dum estado particular do sêr incarnado, denominado «transe», apresentando muitas semelhanças com a hipnose profunda. Durante o «transe» a personalidade normal é inconsciente. Ao despertar, o esquecimento é a regra.

As pessoas capazes dêste desdobramento constituem os médiuns, servindo de intermediários aos desencarnados desejosos de comunicar com os vivos. Os médiuns fornecem-lhes o fluído vital e os elementos materiais deixados livres pelo êxodo parcial da força perispiritual.»

Perante todos os ciclos da evolução religiosa, desde o pre-histórico Rama — o prestigioso *Illuminado celta, alma-mãter do arianismo* — até à época contemporânea, o Espiritismo representa, sem favor, a mais formidável e fecunda reacção na História da Civilização dos Povos contra os aviltantes dogmatismos tradicionais, levando de vencida o materialismo catedrático e o ateísmo dominante, causas comuns e sinérgicas da derrocada moral que esmaga e conturba a sociedade contemporânea num pandemónio de utilitarismo feroz e egoístico.

O Espiritismo representa o mais poderoso agente profilático da descrença e do negativismo, impondo a evidência dos factos, mercê da sua estrutura essencialmente científica, fazendo derivar os seus princípios básicos dum conjunto inumerável de factos de ordem hiperfísica e transcendental, sem perderem o fio da sua continuidade filosófica, numa finalidade especificamente evolutiva, em sucessões interminas, no espaço e no tempo, através da pluralidade das nossas existências sucessivas, regidas e determinadas pela lei da causalidade psíquica.

Sciência, filosofia e moral surgem, automática e espontâneamente, num encaideamento lógico e natural, duma multidão de factos comprovados e registados adentro do Espiritismo com carácter de universalidade que esmaga todas as vãs tentativas de negação apriorística e misoneísta.

Sciência, filosofia e moral emergem do experimentalismo espírita numa explosão de luz e de evidência, revolucionando todos os falsos princípios da nossa cultura artificial, ilógica e dogmática, moldada num materialismo estreito e vasio, para abrirem novos e dilatados horizontes à operatividade do espírito humano, nos domínios imprevisos duma fusão ampla, luminosa e fecunda de sciências, filosofias e éticas para a construção desse magestoso e redentor edifício que amanhã será a decantada — *Religião-Sciência*, estrela polar do progresso da Humanidade, de que o Espiritismo é um dos melhores obreiros.

* * *

O princípio básico — directriz fundamental — orientando e dominando todo o sistema doutrinário do Espiritismo, é o dignificante conceito da **evolução espiritual**, ilimitada no espaço e no tempo, representativa da dinamização das potencialidades contidas em gérmen no nosso espírito, espraiando se em ondulações sucessivamente de maior amplitude — numa ascese de libertação — proporcionais à experiência e ao conbecimento adquirido das leis imutáveis, eternas e divinas que regem a harmonia dos universos, constituindo as bases da *sciência integral*, através das modalidades infinitas da matéria e das inúmeras diferenciações dos seres, nos múltiplos aspectos da vida.

A lei da evolução espiritual é a coluna vertebral de todo o Espiritismo, o eixo central de todo o seu sistema científico-filosófico, tendo por polos, no estádio actual do nosso progresso planetário, os seus complementos doutrinários, bases do resgate e da redenção da Humanidade; — o *reincarnacionismo* e o *karma*, lógicos corolários da lei da evolução espiritual, constituindo a sua dinâmica, numa engrenagem interdependente, solidária e harmónica, o mais formidável mecanismo de todo o nosso progresso.

Evolução espiritual, reincarnacionismo ou pluralidade de vidas sucessivas, e *karma* ou lei de causalidade psíquica — são os providenciais e poderosos motores de todo o progresso humano, numa ânsia indómita de regeneração, de reparação e de redenção, constituindo os luminosos degraus da Escada de Jacob que fará ascender tôda a Humanidade, libertando-a dos seus vícios e das suas paixões, aos reinos supra-humanos, numa apoteose glorificada pelo nobilitante esforço próprio, através do calvário das nossas existências multimilenárias.

Evolução espiritual, reincarnacionismo e karma, ainda que entrelaçados numa harmónica e íntima articulação, constituem os fundamentos de todo o edifício do

Espiritismo, produto lógico e racional das mais fecundas leis naturais, agindo, incessante e continuamente, para o nosso progresso, numa explosão de Amor Divino, comprovadas pela experiência, se já não estivessem elaboradas a dentro das nossas consciências.

E, assim, o Espiritismo, à face das suas concepções lógicas e positivas, dignifica o homem e diviniza Deus: — Diviniza Deus, procurando observar e interpretar as leis imutáveis e eternas que regem o Universo, desde o microcosmo ao macrocosmo, numa harmonia solidária nos diferentes planos da natureza, dando todo o relêvo à lei da evolução espiritual, talvez a máxima expressão da Omnisciência e da Omnipotência do Divino Criador, indefinível no infinito e na eternidade, contrastando com vários sistemas religiosos e filosóficos que procuram limitar Deus no espaço e no tempo, humanizando-O antropomôrficamente, integrando-O nos seus interesses, nas suas vinganças, nos seus caprichos e nas suas paixões.

Divinizando Deus, o Espiritismo dignifica o homem também. Pelo reincarnacionismo e pelo karma, princípios básicos e fundamentais do Espiritismo, polos onde gravita todo o mecanismo da evolução espiritual, mola propulsora de todo o nosso progresso na multiplicidade dos seus aspectos, o homem é liberto dos falsos preconceitos da graça e da predestinação, blasfematórias da Divindade, e de miserável escravo do favoritismo caprichoso, arbitrário e despótico do Criador, eleva-se às altas culminâncias de senhor absoluto do seu destino glorioso e radiante, numa ampla e plena liberdade de fazer florir e frutificar as potencialidades divinas contidas no seu espírito, nobilitando-se e progredindo pelo seu trabalho e esforço próprio, orientado nos ditames da sua consciência e na plena convicção de que a responsabilidade é proporcional ao conhecimento, e que será tanto mais livre quanto mais evoluído fôr espiritualmente, ascendendo sempre em luminosas curvas evolutivas que o hão de levar, através de milénios sem conta, às culminâncias dum Super-homem, dum semi-Deus, na plena efloração do divino germen que acalenta no seu espírito.

« *Nascer, morrer, renascer de novo, progredir sempre* » — é a lei — já enunciada pelo glorioso Mestre e admirável codificador do Espiritismo, Allan Kardec. E no âmago desta lei, numa aparente e encantadora simplicidade, mas, na realidade, numa transcendência complexa, sem limites, vibram, intensa e harmónicamente, os princípios básicos do Espiritismo, e dentro dela se desenrolam os máximos dramas humanos e as mais emocionantes tragédias da Humanidade, numa linha de continuidade justa e harmónica.

E' que a amplitude da evolução humana é demasiadamente grande para caber nos estreitos limites que a ciência lhe demarcou entre um berço e um túmulo, onde mal cabem um sorriso de esperança e uma lágrima de saudade.

Uma vida, assim, não valeria uma noite triste e fria, porque a noite mais tenebrosa tem também a sua aurora sorridente de beleza e de esperança...

Deus não limitou a vida a uma vida só, porque nas nossas almas há o anseio vibrante para o Bem, para o Belo, para a Verdade, que mal vislumbramos num futuro longínquo, muito além do mar tempestuoso das efémeras e falazes relatividades e aparências em que se debatem as nossas limitadas inteligências e os nossos sentimentos desorientados.

* * *

Em cada vida o presente dilui-se no futuro, sendo o eco expiatório e reparador do passado.

Cada vida é a lógica resultante das vidas passadas, regida pelo karma implacável, num fatalismo que prende o efeito à causa, tanto no mundo físico-químico como nos domínios do psiquismo humano; mas, em compensação, libérrima na escolha e selecção das novas causas que hão de fazer explodir os seus efeitos nas sucessivas vidas futuras, numa íntima solidariedade e continuidade de causas e de efeitos.

Cada vida é uma escola de experiências, porque só por experiências sucessivamente repetidas poderemos obter conhecimentos certos, sendo a ignorância a causa eficiente de todas as nossas dores e sofrimentos.

As linhas de evolução são, certamente, muitas e variadas, ainda que orientadas na mesma finalidade de ascense e de perfectibilidade, variáveis de indivíduo para indivíduo em cada estágio planetário, consoante a predisposição das idéas, dos sentimentos e das tendências inatas adquiridas nas suas vidas passadas, incompatíveis com a hereditariedade clássica, porque são expressões psíquicas e não somáticas.



SIR CONAN DOYLE

Célebre romancista, historiador e médico inglês, um dos mais brilhantes escritores e propagandistas espíritas

O fatalismo e o livre arbítrio, irreconciliáveis e antagónicos na aparência, são factores determinativos na escala dos valores de cada vida, recebendo uma explicação racional à face do Espiritismo: — o fatalismo kármico domina o presente pelo passado, assim como o livre arbítrio determina o futuro pelo presente.

Cada vida é, simultaneamente, uma colheita e uma sementeira; — colhemos, *irremediavelmente*, o que semeámos no passado, e semeamos, nova e *livremente*, para colhermos no futuro, e assim sucessivamente na série indefinida das nossas existências.

Cada vida é, em última análise: — « o fruto do passado e o germen do porvir ». Assim compreenderemos, lógica e naturalmente, as tendências inatas, as crianças prodígios, as diferenças individuais, quer intelectuais, quer morais, o génio ao lado do cretino, o scelerado ao lado do justo, o rico ao lado do mendigo, numa diferenciação só justificada na forma peculiar por que cada um soube no passado desenvolver as suas actividades e energias e dar expansão às potencialidades do seu espírito.

*

A análise domina os corpos nos vastos âmbitos que vão do microscópio ao telescópio, mas entre estes dois limites máximos do conhecimento humano, a ciência mal descortina ainda o vasto e complexo domínio do território psíquico, e o intercâmbio do Mundo visível com o Mundo invisível, na redentora e progressiva intercomunhão entre incarnados e desencarnados, um dos mais fecundos, originais e luminosos princípios básicos de toda a estrutura do Espiritismo científico e experimental, e a razão de ser de toda a sua fenomenologia dum beleza transcendental vasta e profunda, ainda que tão mal apreciada e compreendida pela ciência oficial. (1)

(1) O experimentalismo espírita compreende três ordens de fenómenos, comprovados por observadores idóneos e por sábios consagrados em todos os países civilizados, do velho e novo mundo: 1.º **anímicos** — devidos, única e exclusivamente, às actividades psíquicas e medianímicas dos médiuns; 2.º **espíritistas** — provocados pela acção directa e exclusiva de desencarnados; 3.º **mixtos** — determinadas pela comparticipação simultânea de incarnados e desencarnados.

Existe um perfeito paralelismo entre os fenómenos metapsíquicos devidos, quer

*

Não cabem nos estreitos limites dêste artigo superficialmente genérico, nem o estudo dos fenómenos espíritas, nem o desenvolvimento e demonstração da palin-gênese e reincarnacionismo — uma das suas múltiplas facetas — nem a exposição minuciosa da lei da causalidade psíquica (karma), assuntos já tratados com certo desenvolvimento em números anteriores desta Revista, que procurou coordenar os princípios básicos do Espiritismo no seu primeiro ano de publicação, numa orientação definida e metódica.

*

O problema social, candente à hora actual, nos seus múltiplos aspectos de separatividade egoística e utilitária, fremente de retaliações sangrentas, só encontrará uma solução digna e equilibrante no estudo e aplicação dos princípios que regem a evolução dos mundos e dos povos e que são a *alma-mater* de toda a estrutura do Espiritismo. Cada vida debate-se numa luta trágica, mosaico de episódios dramáticos, entre a nossa personalidade indomável, ainda que efémera e transitória, e a nossa individualidade real — eco do Verbo Divino — triunfante do espaço e do tempo, em ondulações de Luz e de Perfectibilidade, na curva sinuosa duma finalidade, estuante de anseios divinos, talvez inatingível, como limite máximo de todo o nosso esforço e capacidade evolutiva, numa plena efectivação de todas as nossas possibilidades espirituais.

Cada vida tem um sentido oculto, incomparavelmente mais profundo do que aquele que lhe é dado por sciências, filosofias e religiões, moldadas em interesses e vaidades humanas, numa tecnologia tão pomposa quanto divergente na origem e finalidade que presidem aos destinos da Criação e da Humanidade.

A análise — mentor máximo da intelectualidade contemporânea — devassa e desarticula todos os corpos, ganhando em superfície e em aparência o que só a síntese sabe conquistar em essência e em verdade.

a incarnados, quer a desincarnados, desde que ponhamos o médium em certas condições de desdobramento e bilocação, pois as possibilidades psíquicas são teoricamente idênticas e comuns a incarnados e desincarnados, dependendo, na prática e nas experiências, apenas na sua dinamização, diferenciando-se mais em intensidade do que em qualidade.

O desincarnado nada mais é do que o incarnado definitivamente liberto dos seus corpos somático e etérico. As capacidades metapsíquicas, variáveis com a evolução em quantidade, são contudo invariáveis e fixas em qualidade, com as mesmíssimas potencialidades. A mecânica do animismo é precisamente igual à mecânica do espiritismo, pelo menos, em princípio. Todo o espírita devia iniciar os seus estudos pelo animismo, evitando assim muitos erros e lamentáveis confusões.

A mediunidade não é uma doença, nem representa um estado neuropático, porque é uma faculdade natural comum a todos os indivíduos, em maior ou menor grau, susceptível de desenvolvimento pelo treino apropriado. Os médiuns normais, são os melhores, porque são os mais seguros e mais resistentes, e os menos dominados pelo subconsciente, pela auto-sugestão e pela heterosugestão,



JESUS CRISTO

Admirável trabalho medianímico obtido na União Espírita Francesa

Analisemos, sim, para melhor compreendermos a síntese da vida individual, colectiva e universal, intimamente solidárias e progressivas.

Se a análise nos leva à separatividade aparente e irreal, a síntese conduzir-nos-há à Unidade Cósmica, como sempre proclamou a Sabedoria Antiga, essencialmente sintética e iluminada, e como agora o proclama também o Espiritismo, rasgando as portas dos antigos Santuários a todos os iniciados e não iniciados, « *a todos os homens de boa vontade* ».

Procuremos determinar a finalidade humana, pois só assim poderemos traçar a curva luminosa onde se possam moldar as melhores atitudes individuais e sociais.

A única moral racional será aquela que marque a *linha recta* para a finalidade humana, e só essa será invariável no tempo e no espaço, ao abrigo do capricho das flutuações dos interesses e das vaidades humanas.

ANTÓNIO J. FREIRE



Dr. Sigurd Trier, Presidente da Sociedade Metapsíquica Dinamarquesa, Redactor-Chefe da revista — « Sandliedssoergeren » — tendo entre as suas mãos um cordão de ectoplasma, expelido pela boca. A' sua esquerda está o fantasma do seu « duplo », e à sua direita o fantasma duma senhora inglesa recentemente falecida. Esta fotografia foi obtida em Londres pelo médium-fotógrafo, M. R. Bousnell, controlada pelo médico sueco, Dr. O. T. Axell e pelo médico dinamarquês, Dr. Harry Holts, membros da Comissão Metapsíquica Escandinava

A Substância

A análise conscienciosa de multiplicadíssimos e comprovados fenómenos de ordem psicológica, levou numerosos e abalizados sábios a reconhecer, duma forma incontroversa, que, a ciência moderna, tão vaidosa das suas conquistas científicas, vinha, a certos respeitos, seguindo uma orientação completamente errada, e era mister regressar, em parte, ao passado, para nele alicerçar conveniente e sólidamente, a ciência do futuro.

Foi assim que se chegou a reconhecer que a velha distinção entre matéria e espírito, era, além de falsa, altamente nociva ao progresso científico.

Hoje, os homens de ciência que marcham na vanguarda dos conhecimentos humanos, reconhecem que a *matéria* e o *espírito* são, no fundo, uma e a mesma coisa: — a substância em graus diversos de condensação ou de dinamização.

A substância — *substractum* ou essência de todas as coisas — existe constituindo o fundo permanente de todos os seres, independentemente de qualquer idéa de forma ou modo de ser, ou forma privativa. E' aquilo a que chamamos vulgarmente *espírito*.

Assim concebida, a substância é eterna e indestrutível, porque é simples e indecomponível. Se porém à substância se junta uma qualidade qualquer, o ser que daí resulta torna-se composto, e, como tal, deixa de ser eterno porque pode e há-de decompôr-se passado um período de tempo mais ou menos longo.

Assim os seres compostos ou corpos, transformam-se a cada passo, mudando de forma e modo de ser — são caducos ou perecíveis e não indestrutíveis.

A substância cuja essência íntima nos é desconhecida, mas cuja existência é distinta de todos os seres pelas suas faculdades essencialmente activas, é o princípio inteligente do Universo donde emanam todos os espíritos — constituídos pelos éteres superiores, que são fluidos na sua forma primordial criadora.

Como porém a substância etérica, para se tornar conhecida e distinta, necessita de se individualizar, precisa revestir-se de formas etéricas mais ou menos condensadas, embora invisíveis ainda para os nossos órgãos visuais. E' a estas formas etéricas que se dá o nome de *perispírito* ou *corpo astral* ou ainda *alma*, segundo a terminologia moderna.

Estas formas são *ipso-facto* invisíveis, imponderáveis e intangíveis, excepto nos casos em que assimilam uma parte da substância do meio ambiente, em parte, do corpo físico dos médiuns. Desta sorte, o espírito, deixa de ser um ser abstracto, como o supunham e ainda hoje supõem a maior parte dos espiritualistas não espíritas, tornando-se num ser concreto definido, possuindo um organismo perfeitamente delimitado, embora invisível nas condições ordinárias.

O perispírito, dotado dum poder de assimilação progressivo, chama a si do meio ambiente todas as forças de que carece, fazendo-as convergir no sentido de manter a identidade do ser, a despeito de todas as modificações que vai sofrendo.

Prosseguindo assim na sua marcha evolutiva, o espírito vai conquistando novas qualidades, até que, esgotada a força vital, busca na morte, que lhe traz uma nova personalidade, um novo campo de acção para a sua individualidade.

Desta arte prossegue o espírito no seu aperfeiçoamento, sem carecer de qualquer potência arbitraria, que, por uma forma qualquer, predestine o seu futuro ou castigue os seus abusos, que só podem achar condenação eficaz na própria consciência. E' esta que, finda cada incarnation, durante o período da vida *astral*, nos mostra os erros cometidos e indica o meio de os reparar em novas e diversas in-

carnações. E como temos, com a liberdade de proceder, a responsabilidade correspondente das nossas acções, somos nós os únicos árbitros do nosso procedimento, e, conseqüentemente, do nosso destino.

São bem conhecidas as enormes dificuldades com que sempre lutaram todos os filósofos, para explicarem racionalmente a acção do moral sobre o físico, ou, o que vem a ser o mesmo, a acção do espírito sobre o corpo. Para o filósofo espírita, porém, essa dificuldade cessa de existir. Realmente, a existência do corpo astral (perispírito) vem cortar todas as dificuldades, mostrando com clareza a formação do inconsciente, revelando as cambiantes progressivas que ligam o instinto à inteligência e fazendo compreender o mecanismo das acções cerebrais que permitem ao espírito manter a sua unidade e identidade através de todas as fases por que passa no decurso da vida terrena.

O nosso objectivo é demonstrar que a doutrina espírita está em plena harmonia com as modernas teorias científicas, e, ao mesmo tempo, mostrar o papel físico duma entidade do nosso sêr, indispensável à vida do espírito e do corpo; referimo-nos ao perispírito ou corpo astral. O espiritismo mostra-nos o conhecimento intenso do espírito e a sua íntima ligação com o perispírito que lhe dá forma e órgãos; a sciência clássica, por seu turno, ensina-nos as leis da matéria viva.

O espírito, o perispírito e o corpo, constituem um todo harmónico admirável, e só assim se podem compreender bem todos os fenómenos da vida intelectual, emocional e física.

Vê-se então que o sobrenatural não existe e que a existência de espíritos revestidos dum invólucro etéreo, é tão natural como a dos estados físicos da matéria.

Aliemos pois às noções que nos fornece a fisiologia, os conhecimentos que o espiritismo nos ministra, e teremos dado assim um passo gigantesco no domínio das sciências.

MARTINS VELHO

“Revista de Espiritismo”

O seu 1.º aniversário

Com este número inicia esta Revista o seu 2.º ano de publicação. Cumpre-nos agradecer o carinhoso acolhimento que esta Revista alcançou, quer em Portugal, quer no Brasil, e as cativantes referências que a imprensa nacional e estrangeira se tem dignado fazer-lhe.

A todos os nossos Dedicados Confrades, que tem concorrido para a expansão desta Revista, e a todos os que tem contribuido para a Caixa de Propaganda, vai todo o nosso reconhecimento.

A Comissão Directiva

Enviamos gratuitamente esta Revista a todas as colectividades portuguesas que possuam gabinete de leitura, desde que seja pedida à

::

Administração

::

Ascese Evolucionista

Despedaçava-se um império em ondas de sensualismo e venalidade, quando o Cristo desceu das mansões celestiais, a-fim-de ensinar a construir o Reino de Deus neste mundo, conforme havia sido predito pelos profetas.

Jesus não deixou escritos que a posteridade pudesse ler; mas presentimos os ecos doces da sua voz longínqua, pelas palavras ardentes e coruscantes de verdade e de sentimento, de beleza e de justiça, nos livros legados pelos seus humildes discípulos. Foi sôbre êsse vasto repositório de moral que se construiu a cristandade, nos primeiros tempos simples e humilde, perseguida pelo ódio das velhas crenças pagãs que desapareciam, posteriormente dominada pelas curtas vistas daqueles que a si mesmos se alcandoraram em chefes deturpando-a nos seus princípios basilares, construindo uma dogmática insustentável, que tem os seus alicerces no *pecado original*, na *predestinação* e *redenção*, para se coroar já em pleno século XIX com o dogma ridículo da *infalibilidade*.

O progresso na vida faz-se lutando. A fórmula científica da luta está no princípio newtoniano da acção e reacção.

Assim, depois que a filosofia se emancipou da tutela teológica, o pensamento humano começou a explorar novos horizontes, que lhe mostrassem conclusões mais conformes com a Razão e com a Experiência. E como até aí o pensamento filosófico não tinha ido além da construção de um sistema absolutamente estéril, incapaz de resolver os problemas fundamentais, iniciou o apêlo à experiência, visto como a escolástica já havia esgotado em alguns séculos todas as subtilezas de que era capaz.

Ao lado do desenvolvimento tomado pelas sciências empíricas com Kepler, Galileu e outros, Bacon modifica a filosofia sustentando a eficácia do método experimental. Hobbes dá uma importância fundamental aos sentidos e, segundo êle, o espírito é um corpo físico muito ténue. Locke, faz derivar todos os nossos conhecimentos da sensação e da reflexão. No século XVIII Condillac é o chefe da filosofia sensualista. Descartes é o grande revolucionário da filosofia moderna.

Hume, partindo da experiência como única fonte de conhecimentos, reduz a relação de causalidade às relações de *sucessão* e de *simultaneidade*. Para êle tudo fica num estado de dúvida. E' o scepticismo. Porém, o espírito busca e anseia instantemente uma certeza que conduza firmemente os seus passos. A dúvida não é um critério certo para atingirmos a verdade. O espírito é essencialmente activo. A dúvida quando não é aquela que faz dizer a Cl. Bernard «le savant est un douteur», é a passividade, a estagnação do pensamento, a morte.

Surge-nos, então, ao alvorecer dos rubros clarões da Revolução, o pensador profundo que foi Kant, arvorando a Razão Pura em critério da verdade. Batido, por um lado pelos vendavais scépticos de Hume, por outro pelo idealismo de Berkeley, no momento crítico em que tôda a filosofia suplica a experiência como estável e duradouro fundamento do saber, Kant promove deslocar o problema do conhecimento, para uma base antitética daquela que até êle havia permitido os titubantes passos do pensamento filosófico.

Com a Razão Pura, os problemas máximos da filosofia ficam, porém, erguidos à espera duma solução definitiva, que Kant procura dar com a Razão Prática, o que consegue subordinando à moral a metafísica. No entanto, a profunda distinção entre *fenómeno* e *nómeno* vai perdurar na filosofia. Os pensadores alemães dêsse século e do imediato prosseguem na estrada luminosa do criticismo, que mais ou menos directamente, lateja e freme em todo o pensamento moderno. Já no

século XIX Renouvier, retomando as teses fundamentais do kantismo, restaura-o e funda o néo-criticismo.

Kant é também um precursor do espiritismo quando escreve estas palavras transcritas das suas obras por Zöllner na sua Física Transcendental: «Eu confesso que me acho muito inclinado a admitir a existência de seres imateriais no mundo, e a classificar a minha própria alma nesta categoria de seres. Nós podemos admitir a existência de seres imateriais sem receio de sermos contestados, não obstante, ao mesmo tempo, sem a possibilidade de provarmos a sua existência, pela razão. Estes seres existirão no espaço, conservando-se, porém, penetráveis pelos seres materiais; porquanto, a sua presença implicará uma força actuando no espaço, porém, não, um preenchimento do mesmo, isto é, uma resistência causada pela consistência».

Eis a ascese evolucionista das congemmações filosóficas; que se caracteriza por um instante apêlo à experiência, atitude seguida pelos modernos pensadores.

A teologia, ao contrário, permanecerá imóvel em estática contemplação, alcapremada no alto dos seus dogmas presuntivamente baseados nos evangelhos.

Durante doze séculos foram estes postergados, constituindo, apenas nominalmente, a base da religião. Um conjunto de artifícios os velara. Em substituição do reincarnacionismo ensinado pelo Cristo, veio a doutrina satânica das *penas eternas*, arma profundamente contundente para manter em respeito os mais ousados. O *traducionismo*, dogma pelo qual o pecado original cometido por Adão se comunicou a toda a posteridade, é a antítese do pensamento crístico, bem claramente exposto nos evangelhos.

Estas e outras concepções erróneas que vão contrariar as investigações da ciência e não se estribam nos ensinamentos evangélicos, que tão somente são o resultado de esconsos interesses, veem enfrentar o princípio basilar da ordem, tanto no plano físico, como no espiritual e divino, princípio que existe em germen no fundo da consciência de todos os seres — a justiça.

A reacção está prestes a manifestar-se. O homem continua a ignorar, assente em bases concretas e definidas; qual o seu destino, qual o limite pessoal da sua responsabilidade. A ciência prossegue no curso interminado das suas investigações. . . e a humanidade cansada de esperar, clama em ânsias de justiça a solução da sua finalidade. A hipótese teológico-religiosa desacreditara-se: o âmbito dos conhecimentos alargara. As ciências físicas vieram revelar um conjunto de factos que, numa certa medida, auxiliavam a descobrir a chave do enigma.

As ciências histórico-naturais determinaram o lugar do homem como o dos animais na natureza. Darwin, vinha completar as idéas de Lamarck. Haeckel com o monismo tinha tentado a constituição de uma religião natural.

O homem colocado na história geológica além da origem que lhe marcava a génesis, incompatibilizava esta com a paleontologia. O *pythecanthropus*, preenchia uma lacuna, e o homem vai ocupar, assim, o seu lugar na história natural.

Oferecia-se, alfim, a solução desejada; alguns cérebros transviados proclamam-na. A natureza é um agregado de partículas em eterna transformação e a sua integridade está garantida nas leis descobertas pela física e pela química.

O pensamento, segundo Karl Vogt, não passa de uma secreção cerebral; para Büchner é o resultado da actividade nervosa do cérebro. O homem está sujeito às mesmas leis que os outros corpos.

Além da morte, nada mais perdura, senão os átomos que vão entrar em novas combinações. Ser bom ou ser mau, ser anjo ou ser bandido, sábio ou ignorante, civilizado ou selvagem, é colocar-se nos polos de atitudes humanas, muito naturais, cuja principal explicação está na hereditariedade e no atavismo. Caridade, bondade, beleza, piedade, a virtude suprema de Schopenhauer, são mitos da fértil imaginação humana, que a nada de real correspondem. O *acaso*, é lei suprema

da natureza. Ser isto ou aquilo, apenas d'ele depende. A vontade é uma ficção, uma ilusão de nós mesmos. A liberdade, isto é, o fundamento psíquico da escala infinita dos nossos actos, é uma alucinação a que estamos sujeitos por não percebermos directa ou indirectamente as imposições naturais do meio, em bela orquestração com as idiosincrasias atávicas.

O erro passara, e a ilusão viera ocupar o seu lugar, transviando a humanidade, que num vórtice de desenfreada licenciosidade, se vai lançar no dédalo cruciante do sofrimento. Porém mais uma vez, a verdade se vai mostrar aos homens, num deslumbramento de luz que os atormenta. E' a polifonia dos espíritos do Senhor que surgem nos umbrais da Eternidade.

A humanidade momentaneamente estática, detem-se no seu gesto louco de suicídio. E' a luta íntima dos seres que se estabelece. As vozes ocultas da consciência inundam de luz as desarmonias umbrosas da ilusão. A' acção materialista reactiva da teológica responde a Revelação Espírita, como final e decisiva solução das verdades que durante séculos se mantiveram obumbradas.

O século XVI foi um século de renascimento. O século XIX foi-o também. No século XVI reataram-se os sentimentos artísticos que os orientais guardavam, enquanto as nossas caravelas, com asas de sonho, iam pelos oceanos em busca de novas terras. O século XIX restaurou a religião que há dois milénios o oriente recebera, pela voz celestial do Messias, enquanto a sciência amplia o campo da experiência e alarga o horizonte sempre fugitivo da Verdade.

* * *

E' com esta atmosfera que o espiritismo aparece, detendo os homens na vertigem desordenada das paixões, impelidos pelas máximas incoerentes de uma filosofia negativista.

O espiritismo proclamando por um lado a interpretação dos evangelhos críticos em espírito e verdade, sustenta, por outro, a eficácia do método positivo, como base demonstrativa dos seus princípios essenciais. Mas não tem o espiritismo aquela atitude acanhada e contraproducente do positivismo estreme, limitando o seu campo de actividade aos dados estritamente experimentais. Seguindo, pelo contrário, as peúgadas que o bom senso aconselha, atende à Razão dum modo directo e implícito, o que lhe marca um estádio mais próximo do pragmatismo.

O espiritismo é, no domínio da psicologia experimental, o único sistema que traduz em linguagem clara os problemas, que até hoje se tem mantido inexplicáveis, de uma maneira concreta e decisiva, sobre a natureza humana e seu destino *post-mortem*. Determina a composição ternária do homem e ao perispírito ou *aerosoma* dá um carácter heterogéneo que em grau crescente de subtilidade e quintessenciação se vai ligar directamente com o espírito ou *mónada*, tornando-se na vida do espaço o seu órgão sensorial, enquanto as camadas mais grosseiras e pesadas se encontram em ligação com o corpo ou *sarcosoma*, sendo o princípio anímico destinado a dirigir e a regular a vitalidade do corpo na múltipla complexidade dos seus órgãos e aparelhos.

Dêste modo, o problema da união da alma com o corpo, que tanto preocupou alguns pensadores desde Cudworth com o seu *mediador plástico* e Euler com o *influxo físico*, até à *harmonia preestabelecida* de Leibniz ou às *causas ocasionais de Malebranche*, encontra a definitiva explicação com o perispírito bastando simultaneamente às exigências da razão e à comprovação experimental.

E' através das múltiplas mediunidades que se consegue provocar todo esse vasto campo da fenomenologia espiritista, que vai desde os fenómenos da escrita directa ou automática, aos fenómenos complexos e altamente reveladores da incorporação e materialização. Este conjunto vastíssimo de factos, permite ao homem definitivamente conhecer e assentar a imortalidade do ser, em bases seguras e tão

certas, como a mais evidente conclusão de física ou de química, alcançada no experimentalismo laboratorial. Esta prova da imortalidade tem um carácter universal. A sua universalidade está, exactamente, na fácil comunicabilidade em todos os pontos do globo, com os desincarnados.

Assegurar ao homem a sua imortalidade pela via experimental, é o mérito mais belo do espiritismo. Pena é que, cérebros e corações, dominados os primeiros por preconceitos e os segundos por fanatismos prejudiciais, não lancem à margem, para o túmulo da história, as suas arcaicas e decrépitas crenças.

Na sua curta vida, já o espiritismo conseguiu alargar os domínios da sciência, desde a aceitação da *hipnomagnetologia*, depois de ter sofrido os acicates do ridículo e a proclamação da impossibilidade da sua existência, até ao estudo da *consciência subliminal*.

Foi ainda o espiritismo que revelou à humanidade todo o vasto dinamismo *endógeno*, em que a vontade e o pensamento ocupam os lugares mais proeminentes. Este, dirigido no espaço, é o propulsor dos grandes como dos pequenos actos, variando na pureza diáfana das suas côres e scintilações, as nossas atitudes desde a abnegação ao crime. E' por êle que o Astral, constantemente, está actuando sôbre nós, tornando-nos os joguetes inconscientes das suas intenções. E sê-lo num sentido altruista ou deprimente depende exclusivamente de nós. E' a lei da atracção e repulsão que rege estas sublimes alianças, pois os pensamentos puros e desinteressados repelem os poluídos, atraindo, pelo contrário, os hialinos irizados de alvíssimas radiações.

No domínio já da patologia revela como inúmeros casos de suposta *psicopatia* não passam de tristes scenas de obsessão e possessão, que o espiritismo consegue normalizar. Ainda na psicologia experimental o espiritismo levou ao estudo e interpretação racional dos casos de *poli-personalidade*.

Indicando o perispírito como o plano basilar sôbre que assenta o desenvolvimento da vida de cada indivíduo, implicitamente assinalámos o auxílio importante que vem prestar à fisiologia.

Quando Crookes verificou a existência dum estado mais subtil da matéria, já os espirítistas o tinham induzido dos fenómenos de materialização e já as comunicações vindas do *hiper-espaço*, tinham, duma maneira mais ou menos velada, comprovado essa indução.

A própria *quarta dimensão* do espaço, que no tempo presente atormenta a cabeça de tanto pensador, encontrou a primeira possibilidade demonstrativa da sua realidade por via experimental, com Zöllner, nos seus trabalhos sôbre espiritismo.

O próprio evolucionismo de Darwin e Lamarck, que abrange só os estreitos limites do mundo *fenomenal*, tem a sua completa e eficaz demonstração na evolução mais ampla do mundo *nomenal*. E não virão os trabalhos da desmaterialização da matéria encontrar um valioso auxílio, generalizando-os até ao hiper-físico, nos fenómenos conhecidos em espiritismo sob a rubrica — passagem da matéria através da matéria em virtude da desmaterialização, dirigida por sêres inteligentes, com dinamismos susceptíveis de dar a êsses fenómenos um relêvo mais notável?

A habitabilidade dos planetas e a possível comunicabilidade entre êles, é um facto que num futuro mais ou menos próximo se há-de demonstrar como evidente.

As comunicações recebidas dos sêres mais espiritualizados do *além*, não duvidam já em no-lo afirmar muito claramente, se bem que ao mesmo tempo nos advirtam de que necessitamos de realizar inúmeros progressos, tanto de ordem moral como intelectual.

A moral estribando-se na imortalidade como lei inevitável de todo o sêr, consegue determinar um conjunto de normas, de que o amor crístico será o apogeu, capazes de levar o homem à compreensão nítida dos seus deveres e direitos, escl-

recendo-os de que o prêmio e o castigo residem dentro do indivíduo, que é o juiz de si mesmo, regulados pela lei universal da causalidade.

A responsabilidade é coerente com o conhecimento, que só se adquire através das múltiplas reencarnações. A pena de morte, não mais terá cabimento nas leis justas do planeta, porque a legislação tendo uma base espiritualista, é concedora das altíssimas responsabilidades que resultam, de se ter coartado a existência de um sêr, quer êle seja um facínora aos olhos da sociedade, quer seja um inocente condenado por um engano judicial.

A economia social desenvolver-se há pela solidariedade cooperativista dos detentores de bens. O capital auxiliado pelo trabalho auxiliará o desenvolvimento geral da sociedade pela abdicação do interesse pessoal em favor do colectivo.

A agricultura será a grande fonte de riqueza, de que todos terão a posse, visto como ela ocupará um lugar primacial no conjunto das atribuições humanas. Dela só, se tirará todo o alimento necessário ao entretenimento da vida. O carnivorismo não mais existirá; o animal será considerado um sêr num plano muito atrasado da evolução, que precisa da nossa piedade. As plantas, terão igualmente o carinho dos homens, cumprindo-se a lei da destruição, só no estritamente indispensável. Os homens serão essencialmente criacionistas. Respeitar a umberdade da natureza, e aumentá-la ainda mais, será uma consoladora atribuição.

A arte de bem vestir, desviar-se há no sentido em que a higiene, a modéstia e um inato sentimento de igualdade, aconselharem, acabando-se de vez com os trajos irrisórios com que a moda nos subjuga. Um dos aspectos mais nítidos, por onde se pode compreender o nosso grande atraso, para atingirmos um estado coerente com os nossos mais surpreendentes conceitos de perfeição, o que não é muito, na infinita evolução dos sêres, é a maneira como trajamos, onde é bem notório o nosso desejo de distinção de castas e classes, bem contrário às mais elementares concepções de solidariedade e igualdade.

Comparai a inconsútil túnica do Cristo com a variabilidade intérmina de ridicularias que as sucessivas gerações teem usado! Numa há magestade, beleza, bondade, simplicidade; nos outros, quando não há espanto, há o espectáculo caótico duma sociedade que se subverte no imoralismo.

Criar, é o grande verbo activo que todos os lábios pronunciarão. E' o homem tornando-se um deus no círculo finito da sua actividade.

Criar, Amar, Perdoar, eis a trilogia verbal, scintilante de radiações que na essência divina se fundem no Eterno Amor!

Eis a Terra tornada o Reino de Deus, a escola onde o homem sabendo conjugar o verbo amar, ignora o seu antónimo. Ela, deambulando no Infinito, espargirá Luz, que faça esquecer as Sombras do Passado... A morte tornar-se há Vida animada por um infinito sôpro de misericórdia. Depois, embalada nos ritmos da Eternidade, elevará hossanas ao Grande Onnipotente!

O Bem será a religião da Humanidade... o mal um vago conceito de que se perderam os últimos traços escuros com o primeiro pensamento de Amor!

Criar, Amar, Perdoar, eis a síntese verbal do Pensamento e da Vontade!

A. A. DE FREITAS E SILVA

¡Pruebas, pruebas!

Convengámos en que así como el sol no amanece para todos a la misma hora ni con la misma forma, así los fenómenos espiritistas que testifican el comercio del mundo visible con el invisible no son vistos por todos con el mismo lente ni apreciados con iguales matices.

Esto, después de todo, es naturalísimo.

Dejando aparte el que no todos los fenómenos espiritistas llevan en sí el sello convictivo que fuera de desear, hay que tener en cuenta la preparación que requieren en los que los presencian y la parte que toma el preconcepto en todos los juicios.

Hablemos de éste en primer término.

No opinamos como los que creen que el preconcepto es efecto exclusivo de la testarudez en no querer ver las cosas como son, sino que creemos es el fruto sazonado de una serie de juicios incompletos o mal fundados que han causado estado como verdades apodícticas en la conciencia, y que entanto no sean destruídos por otros juicios, prevalecen y se imponen con fuerza irresistible.

No somos dueños, no, de juzgar como nos dé la gana. Podemos, eso sí, decir lo contrario de lo que sentimos en un momento dado y sobre un asunto especial; pero engañarnos a nosotros mismos y persistir en ese engaño por el sólo placer de llevar la contraria, no nos es posible. De aquí el que los pareceres sobre una misma materia, sean tantos y tan opuestos. Cada cual juzga con su propio juicio, que no es otro que el resultado ético de las experiencias que tiene acumuladas; y si estas experiencias adolecen de determinado vicio, no pueden dejar de tener del propio vicio al juicio que emita.

Materialistas, espiritualistas, negativistas, todos, todos rendimos pleitesía a esta ley, porque nos es imposible sustraernos a ella de rondón. En todos los casos nos manifestamos como somos, como nos hemos hecho; y el que es terco en una idea, es porque no posee otro acervo que el de aquella idea; y el que vacila, es porque no tiene caudal bastante para determinarse en un sentido dado; y el que es ecléctico y sincrético, es porque ha llegado a persuadirse de que la verdad no está vinculada en razonamiento alguno, sino que se halla diluída en todos los razonamientos, como frutos que son de experiencias mejor o peor apreciadas, pero experiencias al fin.

Si colocamos, pues, al preconcepto en su lugar, no tendremos razón alguna para mirarle con desdén o con menosprecio. Podremos, a lo sumo, decir de él que es un factor que necesita rectificarse, y a rectificarlo deben tender nuestros esfuerzos; pero lentamente, pausadamente, que lo que lento y pausadamente se edificó, sólo de igual modo puede rectificarse. Y esto nos lo demuestra la evolución en todas sus formas.

Si nuestros juicios y nuestros raciocínios no los deducimos directamente de la sensación externa que nos aportan los sentidos, sino de la contrastación que establecemos entre ella y el recuerdo de otra sensación igual similar, — y esto nos lo evidencia el que tengamos que confesar que no sabemos lo que es todo aquello que por primera vez nos impresiona, por ejemplo, el eco de una palabra nueva, — está claro que para proceder con más probabilidades de acierto en toda observación, en todo análisis, y, finalmente, en todo juicio, es muy útil, es indispensable una preparación preliminar, cuanto más vasta y refinada mejor. De otro modo nos sucederá lo que le sucede al que, ayuno de conocimientos médicos, está a la cabecera de un enfermo, que ve que se muere, pero no sabe de qué se muere ni cómo poder acudir en su socorro.

Tal sucede, con mucha frecuencia, en las sesiones espiritistas. Son muchos los que asisten a ellas ahitos de otros conocimientos; pero ayunos por completo de

los necesarios para poder apreciar el cómo, el por qué y el para qué de lo que van a presenciarse; y aunque ven el fenómeno y honradamente no pueden negar lo que ven, su desconocimiento en la materia y la superabundancia de preconcepciones que atesora su intelecto les hacen imaginar interpretaciones que no se pueden calificar con dureza, pero si se tiene que decir que deben rectificarse.

¡Pruebas, pruebas!... Muchas se han dado, muchas se dan y muchas se darán todavía; pero todas ellas no harán el milagro de convertir a uno sólo de lo que no estén preparados para recibirlos. Indudablemente todo lo que sabemos le debemos a los fenómenos presenciados; pero no se sabe de ningún fenómeno que instantáneamente haya producido un conocimiento. Son, sí, materia de estudio; e esta circunstancia hace que antes de poderles catalogar como verdades indiscutibles, pasen, primero, por un largo purgatorio de negaciones y dudas; luego, por otro no menos largo de encontradas hipótesis, para entrar, finalmente, en el número de las verdades consagradas, con explicación, si no clara, rotunda y categórica, admitida, por lo menos, por el mayor número.

Los fenómenos espiritistas se hallan, todavía, en el segundo período. No nos impacientemos. Y hasta que sea llegada la hora de su consagración, demos pruebas, pruebas!... y no nos descuidemos en ir preparando a todos para recibirlos con provecho.

QUINTIN LOPEZ

(Barcelona) Tarrasa

Domínio Mental

Não é o pensamento uma simples abstracção do espírito humano — o pensamento é antes uma potentíssima realidade, capaz de produzir efeitos estupendos, benéficos ou maléficos conforme a orientação do movimento que o seu criador lhe imprima.

O pensamento, realidade objectiva, é visível ao clarividente; tem côr, forma e movimento, projectando-se através do espaço semelhantemente às ondas hertzianas, com uma velocidade quási ilimitada, e com uma intensidade que depende do impulso originário de seu criador. Esse impulso é máximo quando o pensamento foi criado por uma mente forte e treinada na concentração, capaz, portanto, de fazer convergir essa criação sua em um determinado alvo.

O cérebro humano é semelhante a uma antena da telegrafia sem fios, que continuamente recebe e emite formas-pensamento positivas ou negativas, construtivas ou destrutivas.

O pensamento destrutivo tarde ou cedo se descarregará sobre o seu criador, produzindo-lhe uma desgraça ou enfermidade, sem que o indivíduo tenha a perfeita noção do porquê da sua má sorte.

Análogamente, o pensamento construtivo experimenta também o choque de retôrno, descarregando-se sobre o seu criador, revestindo formas benéficas, como alegria, saúde, oportunidades felizes, etc.

Tal é a Lei, lei de acção e reacção, de causa e efeito; lei de justiça imminente, dádiva sublime do Infinito Amor, e devido à qual a Omnisciência Divina mantém o equilíbrio do Universo.

Dêste sucinto relato deriva o especial cuidado com que devemos rigorosa-

mente seleccionar os nossos pensamentos, não permitindo o acesso, em nosso cérebro, de pensamentos destrutivos — de ódio, orgulho, ira, etc. —, ou negativos — inquietação, temor —, nem mesmo de pensamentos ociosos; pois que estes últimos não só representam um malbaratar de nossas energias, como ainda se opõem ao domínio da nossa mente: e sem o domínio próprio, sem a faculdade da concentração, impossível se torna o progresso moral e a imunidade psíquica do nosso ser.

Não esqueçamos as sábias palavras do Chandogyopanishat: « o homem é a criação do pensamento: aquilo em que pensa, nisso mesmo se converterá pelo tempo adiante ».

JOSÉ A. MANIQUE DE ALBUQUERQUE

Comissões Brasileiras Pró-Federação Espírita Portuguesa

Com o mais grato prazer e indelével reconhecimento, registamos hoje nesta Revista a constituição definitiva das Comissões Brasileiras Pró-Federação Espírita Portuguesa dos florescentes Estados de Pernambuco, Baía e Alagoas, tendo já registado nos números anteriores as do Rio de Janeiro e do Pará, em todas elas tendo ingressado dos mais ilustres e abnegados Confrades da Nação irmã, onde os portugueses teem sempre encontrado uma segunda pátria.

O carinhoso acolhimento dispensado, tão fidalga e gentilmente, pelos nossos devotados e ilustres Irmãos Brasileiros a esta Federação, constitui um dos melhores e mais proficuos incitamentos para uma mais plena e íntima confraternização no intercâmbio spiritista Luso-Brasileiro, impondo a todos os espíritas portugueses inolvidáveis deveres de gratidão pelo seu valioso auxílio moral e material para a efectivação integral da grande obra de renovação neo-espiritualista que esta Federação vem desenvolvendo, dia a dia, à custa de sacrificios de toda a ordem, felizmente devidamente apreciados por nacionais e estrangeiros.

Para o Brasil, vão, pois, todas as nossas mais affectuosas homenagens de reconhecimento e de plena confraternização, fazendo votos a Deus pelas felicidades espirituais dessa nossa querida segunda Mãe-pátria e pelo triunfo do Espiritismo — um dos mais belos e nobres ideais de resgate e de progresso da Humanidade.

Pernambuco: *Presidente—Dr. A. T. de Barros Lima, advogado; secretário—Dr. António Cruz, advogado;— Tesoureiro — José Fuzeira, Presidente do Abrigo Teresa de Jesus; Vogais — J. S. Rêgo Barros, jornalista; Djalma de Faria, secretário da Federação Espírita Pernambucana; Dr. Artur Alves Barbosa, advogado; J. A. Ferreira Lima, Presidente da Cruzada Espírita; Ernesto Gameiro Alvares.*

Baía: *Presidente—Coronel Ricardo Machado, Presidente do Instituto Kardecista; Secretário—Dr. João Lino da Rocha; Tesoureiro—Eduardo de Araújo Góis; Vogais—Jorge de Sousa Viana, Zeferino Leal, Alberto Neves da Silva, António Caetano da Silva, Dr. Sátiro Soares da Cunha, Martinho da Conceição, António Monteiro Guedes, Raúl Guimarães, Públio Bernardes de Sousa, Edgár Lustosa de Vasconcelos, Domingos José Inácio Conceição.*

Alagoas: *Presidente—Francisco Fialho, jornalista e importante comerciante; Secretário—Zanelli Caldas, professor da Academia de Ciências Comerciais e publicista; Tesoureiro—Alípio de Carvalho, guarda-livros; Vogais—Euripes Tenório de Lima, comerciante e jornalista; Dr. José Barbosa Júnior, advogado, do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano; Dr. Perdigão Nogueira, farmacêutico e jornalista; Dr. Fernando Malta Campos, comerciante e jornalista; Professor Auryno Maciel, da Academia de Ciências Comerciais, do Instituto Arqueológico e Geográfico Alagoano, da Academia de Letras, publicista; Coronel Manuel Zeferino dos Santos, Alto funcionário da Alfândega Alagoana, e jornalista; Coronel José Alves Morgado, capitalista; Oséas Resas, jornalista.*

Amar a Deus

Amar a Deus é um preceito que na sua simplicidade resume, quanto a mim, a lei complexa de toda a finalidade humana.

Amar a Deus como Ele deve ser amado, visto a sua excelsa essência se conservar inacessível à investigação da nossa inteligência finita, é amar os seus atributos, que, desde o despertar para a vida inteligente, constituíram os mais elevados ideais da humanidade; é, portanto, fomentar com todo o ardor das nossas almas a eclosão do Bem, do Belo, da Justiça, da Verdade e do Amor.

E que mais sentido preito poderíamos render à Causa primordial de quanto nos assombra no Universo, que o de difundir em todos os ânimos o culto dos excelsos predicados que da peculiar natureza do Ente Supremo dimanam?

Para que outro fim poderíamos ter sido criados?

Não será esta a verdadeira interpretação dos desígnios de Deus em relação ao destino ulterior do homem?

A mónada que o Criador *ab aeterno* arremessou para o espaço, ignorante ainda e inconsciente das potencialidades de que a Omnisciência divina a impregnou, lançada segundo uma trajectória regida pela lei do Progresso, subiu no correr dos séculos, de transição em transição, todos os graus da escala na evolução ontológica até atingir o plano consciencial, o estado de homem evoluído, cuja visão interior lhe permite já analisar as leis do seu próprio eu, centro de poderosas energias de alcance incomensurável, vitalizar as suas vagas intuições dando-lhes corpo e realidade objectiva, fixar a determinante dos seus actos volitivos.

Neste estado evolutivo relativamente adiantado, o homem sabe o que é, sabe o que pode, sabe o que quer.

O homem sabe o que é, porque no exame introspectivo do que se passa no seu fóro íntimo, se reconhece indubitavelmente constituído por um princípio uno, persistente, invariável na sua essência; quando, pelo contrário, o estudo do organismo a que se sente intimamente unido, só lhe mostra variação contínua nos contornos exteriores da forma, modificações incessantes nos tecidos que o constituem, instabilidade no equilíbrio nutritivo das células, alterações no quimismo complexo do meio interior, desagregação constante das moléculas cujos elementos componentes são substituídos a cada momento pelos que de novo lhes leva um sangue de crase regenerada pela respiração e pela nutrição — funções de laboração incessante — expulsos pela desassimilação os elementos utilizados na combinação do momento precedente.

Independente desta actividade constante que se exerce no domínio da matéria, o princípio imutável que nela reside e que bem podemos chamar espiritual, observa-a, modifica-a, restabelece-lhe o equilíbrio quando influências perturbadoras o destroem ou a paralizam. Domina-a finalmente pelo conhecimento das leis dos fenómenos que nela se manifestam.

Plenamente consciente da sua acção preponderante sobre a natureza bruta, o homem sabe o que pode pela conjugação das suas espantosas energias. E sabe o que quer com todas as veras da sua alma — a felicidade.

Mas o seu ponto de mira muitas vezes erradamente fixado, por desgraça, leva-o, aliciado pela perversão do senso moral, ao atropêlo dos mais imperativos e sagrados ditames da consciência, « voz que clama no deserto », à abjecção da subserviência à matéria.

Embevecido no canto da sereia, o tresloucado nauta prossegue descuidoso ao sabor das impressões na sua falsa derrota, debatendo-se em vão contra os penedos por entre os quais a sua incúria deixou singlar o transviado batel — embates que são o ricochete das paixões a que se abandonou.

— Bateste em ti — bradar-lhe há a voz interior, quando o naufrágio de todas

as ilusões o arrojara exânime ao areal da costa, onde teria aportado ileso, se os seus olhos, na temerosa travessia, se não tivessem despregado da estrêla dos mareantes.

— Terás de recommençar a viagem que tornaste inútil — acrescentará a bendita voz da sentinela vigilante de todos os seus actos, de todos os seus pensamentos.

— Descansar. . . — murmura o miserando Ashaverus extenuado.

— Descansar, insensato?! . . . — brada-lhe indignada a entidade consciencial do seu eu, ecoando através de todo o seu sêr. O grito pavoroso de alerta. Quem te deu esse direito? Realizaste por acaso já o teu destino? Dignificaste a tua alma pugnando pela Verdade e pela Justiça? Sacrificaste a satisfação dos teus efêmeros caprichos, já não pergunto o teu bem-estar, à atenuação da miséria alheia? Secaste carinhosamente as lágrimas da orfandade? Protegeste a infância desamparada? Protegeste a vèlhice desvalida? Com a tua palavra, com o teu exemplo, ensinaste os homens a amarem-se mutuamente? Resgataste as consciências escravizadas aos erros absurdos do classicismo arcaico? Juntaste, por qualquer modo, um acorde de harmonia ao poema sublime da Criação? Calas-te? . . . Reconheces que não soubeste amar a Deus, que falseaste a tua missão, não é assim? Dotado dum instrumento maravilhosamente adaptável a todas as variantes da acção, submisso à tua vontade — o teu corpo — não soubeste aproveitá-lo na tarefa que te foi incumbida. Menosprezaste o, deterioraste-o em criminosos desmandos de regime, inutilizaste-lhe as mais poderosas energias. Resigna-te pois às conseqüências. Abandona-o sem pesar à terra que precisa dêle para o decompor no seu laboratório e dar às árvores as suas copas verdejantes, aos prados o seu matiz, às flores a sua fragrância, e vai. Volta à tua pátria de origem, medita ali a lição. Uma lágrima de arrependimento será oferta de valiosa pérola que Deus contemplará amoravelmente no seu escrínio. Reconstroi sólidamente o teu barco, fixa bem o rumo, põe mão firme no leme, decidido a arrostar com as correntes contrárias e volta regenerado, que saberás então amar a Deus.

AMÉLIA CARDIA

Quintín López Gómez Zanelli Caldas

Iniciam hoje a sua brilhante colaboração nesta revista estes dois formidáveis campeões do Espiritismo, almas de elite cérebros privilegiados, encanecidos em vitoriosas lutas no Bom-Combate, no combate glorioso pela Regeneração-social e pelo Progresso espiritual da Humanidade.

Quintín López Gómez é um dos mais venerandos, respeitados e eruditos Espiritas da cavalheiresca Espanha. Escritor insigne, polemista de rija tèmpera, é o grande Director da magnífica revista — «Lumen» — com 31 anos de existência fecunda e brilhante, uma das melhores publicadas em língua espanhola. Escritor eminente, filósofo profundo, com admiráveis rasgos de originalidade, é o consagrado autor de dezenas de obras dum real valor, desde «El Catolicismo Romano y el Espiritismo» até à «Metafísica Transcendente» e a «La Mediuñidad y sus misterios.»

Sobre Ocultismo, Teurgia, Qoécia e Magnetismo, sobretudo, lega-nos uma obra admirável de erudição e de crítica.

O carinhoso acolhimento que esta revista mereceu ao grande e Venerável Mestre deixa-nos vibrantes de reconhecimento e de gratidão, envoltos na maior admiração e respeito pelas suas virtudes e talento.

Zanelli Caldas, a quem a Federação Espírita Portuguesa e esta revista devem valiosos e dedicados serviços para a sua expansão no Brasil, é um dos mais prestigiosos Confrades do vasto e florescente Estado de Alagoas e um dos seus mais brilhantes e eruditos publicistas.

Paladino denodado da causa espírita, a ela dedica, amorosamente, o fulgor do seu talento e os primores do seu coração magnânimo.

Nesta casa já não é apenas um bom e leal camarada; é mais ainda: — um amigo e um irmão querido a quem devotamos tôda a nossa admiração e reconhecimento.

Razão de Selvagem

Há tempos mantive, durante três anos, com o meu amigo Artur Campos, médium de múltiplas e extraordinárias faculdades, o mais admirável, mesmo, que eu já vi, uma série de importantes sessões, às quais somente dois amigos meus eram presentes.

Numa dessas sessões, o guia, espírito de subida grandeza moral e transcendente sabedoria, contou-me o seguinte facto, que disse haver testemunhado :

Certo juiz, em Matto Grosso, conseguiu capturar nas matas virgens daquela região brasileira um selvagemzinho ainda criança de tenra idade.

Levando o pequenino bugre para casa, o juiz, que era um fervoroso católico, criou-o e instruiu-o paternalmente e educando-o nos princípios da sua religião.

Passados, porém, alguns anos, quando o pequeno índio, perspicaz e inteligente como todos os indivíduos da sua raça, começava a utilizar-se do raciocínio, certo dia o velho juiz levou-o à missa pela primeira vez.

Na igreja, o pequeno selvagem, em quem a boa educação produzia os seus efeitos salutaros, mantivera-se respeitoso e calado, apenas observando tudo com o maior interesse e curiosidade, o que não passara despercebido ao seu bemfeitor, que logo se pusera a gozar, intimamente, a satisfação de poder oferecer ao romanismo mais uma ovelha fiel e inteligente.

E para melhor se assegurar das convicções do seu afilhado, logo que chegaram a casa, o juiz chamou-o.

— Meu filho, perguntou êle, você observou bem a igreja ?

— Observei, sim senhor.

— Viu os santos, os ornamentos, os altares ?

— Vi, sim senhor.

— Viu bem o padre, o santo ministro de Cristo exercendo o seu sagrado ministério ?

— Vi, sim senhor.

O juiz exultava de contentamento ! E prosseguiu no interrogatório :

— Meu filho, diga-me ainda : você viu aquele pequenino disco, de grande alvura, que o padre tinha nas mãos quando se voltou para mostrá-lo ao povo ?

— Vi, sim senhor.

— E sabe o que era aquilo ?

— Não senhor.

— Era Deus, meu filho.

— Deus ! exclamou o pequeno selvagem admirado.

— Sim, Deus, confirmou o juiz.

O índio reflectiu um instante e depois, erguendo a cabeça e envolvendo o juiz com seu olhar claro e inteligente, objectou convictamente :

— Não pode ser !

— Hein ! exclamou o magistrado surpreso e atônito. Não pode ser ! ?

— Não pode, confirmou o selvagem em tom categórico.

— Mas, porque não ?

— O senhor não me disse, perguntou o menino, que foi Deus quem fez a terra, o mar, a lua, o sol e as estrêlas ?

— Disse, confirmou o juiz.

— Pois bem, acrescentou a criança cheia de sabedoria; se aquela rodinha branca fôsse Deus, o padre não a poderia ter engulido.

— Porquê ? inquiriu o juiz intrigado.

— Porque uma bôca, para engulir Deus, precisaria ser maior do que o Universo !

Sôbre o Problema do Mal

I

Quando o primeiro sêr, consciente de si, reconheceu limites à realização da sua vontade, concebeu a existência do mal. A sua vontade em contraposição era o bem. As primeiras concepções da moral assentam no egoísmo: o bem é o polo positivo e o mal o polo negativo.

A consciência, pouco desenvolvida ainda, tem um campo de liberdade muito estreito, e, para além, estende-se o domínio imenso da fatalidade.

Para o homem primitivo, o mundo é um mistério incompreensível, porque está sujeito constantemente ao arbítrio duma multidão inumerável de deuses. Só assim êle pode explicar a infinita variedade de formas que as coisas lhe revelam e a sua diversidade de aplicações.

Os povos selvagens acreditam em fantasmas porque os vêem, invocam aqueles que lhes são favoráveis, e exorcizam os inimigos. Podem saber mesmo que êses fantasmas voltam à vida, mas não compreendem o mecanismo da evolução. (1) A verdade palingenésica entrou-lhes pelos sentidos, sem que lhes fizesse vibrar o sentimento ou iluminasse a razão. Apoia-se em factos superficialmente observados, que a inteligência não assimilou.

A princípio os deuses têm o poder inconsciente e a violência brutal dos elementos físicos da natureza, mas, depois, já são humanizados, porque o homem, envaidecido consigo, procura concebê-los à sua imagem e semelhança. «*Le beau pour le crapaud c'est sa crapaude*» dizia Voltaire.

Pela idéa que os homens fazem de Deus, pode avaliar-se nitidamente do seu valor intelectual e moral, pois nessa idéa põem êles o seu próprio espírito divinizado, dando-lhe a forma dos seus sonhos mais belos, e a realidade das suas aspirações mais queridas.

Porisso os deuses dos povos selvagens são caprichosos e vingativos, duma ferocidade canibalesca. E é tão poderosa a influência da tradição, que, tanto no catolicismo como no protestantismo, que pretendem ser religiões de povos civilizados, se encontra ainda a mesma representação grotesca e trágica da divindade.

Na fase elementar da sua evolução, o homem, sentindo a sua fraqueza, procura aliar-se com os deuses mais fortes (cuja capacidade de destruição pensa ser maior), para assim triunfar do mal. E' o ciclo do terrorismo que alimenta a superstição.

A vida é um constante bater de asas para Deus e no seu vôo eterno vai alargando mais e sempre, o ângulo da sua visão para abranger o Universo numa síntese poderosa, dominadora.

Assim o homem, à custa de esforços seculares, conseguiu aproveitar em seu

(1) Certos povos selvagens, como os australianos, admitem que o espírito abandona o corpo durante o sono, e dizem que os brancos são negros ressuscitados. E' a partir da idade neolítica que começam de aparecer os primeiros vestígios de culto dos mortos, atestando, nitidamente, a crença numa vida futura, o que tem levado certos autores a suporem, atâs sem motivo justificado (pois a ausência de provas afirmativas não justifica a negativa) que a idéa de immortalidade não remonta além deste período pré-histórico.

As dificuldades enormes que a paleontologia tem encontrado no estudo das raças pré-históricas, provém certamente da adoração ao fogo que fez da cremação dos cadáveres a primeira regra do culto dos mortos.

benefício as energias prodigiosas da Natureza que anteriormente lhe eram adversas. A fôrça bruta tinha sido dominada pelo poder da inteligência, e o homem, triunfante, proclama-se o rei da Criação.

Já não quiere apenas evitar o mal; abrasado na rubra chama do desejo, sedento de ventura, pretende descobrir o bem e possuí-lo. Julgando-se bastante forte para triunfar na vida e sem querer reflectir sôbre o segrêdo da morte, começa a confiar em si, até que um dia, ébrio de orgulho, se diviniza.

Mas que poder tão insignificante é êsse do homem, que não triunfa do tempo? Como é frágil todo o poder humano! Em breve a morte há-de calar a vida com um punhal de silêncio e a consciência dominadora de hoje será aniquilada àmanhã no laboratório formidável da natureza, segundo uma lei destruidora, invencível e inconsciente.

Final a vida é uma ilusão dolorosa que mal brilha um momento logo se extingue nas profundezas do *nada!*

O mistério é um oceano imenso onde o pensamento tumultua como o rolar das ondas nas asas da ventania, no côro do vendaval. A crença é uma praia suave onde as ondas vão quebrar a sua fúria, espalhando docemente as suas máguas.

E' assim que o homem, vencido pela dôr, levanta de novo o pensamento para Deus. «*Cælo tonantem credidimus Jovem regnare*» (Horácio—Odes, III.)

Ele procura erguer-se para além da vida e para além da morte, onde se extinga o murmúrio dos seus ais e onde se enxugue a mágua do seu pranto. No seio das religiões, encontrou o bálsamo da esperança. As verdades religiosas não se discutem, não porque sejam axiomáticas, mas porque não resistem a uma análise crítica. Embora; a fé impõe-as como a treva se impõe aos cegos. *Credo quia absurdum*, é o seu critério transcendente da verdade.

A divindade apresenta-se-lhe como um carrasco, e então volta de novo a temer a sombra do mistério, visionando demónios, imaginando tormentos, como se a vida fôsse uma traição miserável e a morte um Coliseu fantástico onde os condenados fôsem torturados por demónios, ou uma Inquisição celeste em que houvesse chammas eternas.

O homem vai vivendo embalado na sua crença, sem lhe importar que ela seja falsa ou verdadeira, contanto que o faça feliz. Não a discute com mêdo de a perder. O anseio da Verdade é muitas vezes prejudicado pelo receio que temos de perder as ilusões que nos são queridas.

Mas entre as aspirações e a sua realização possível, há sempre um abismo profundo — o abismo do mal. O Destino parece imprimir na vida o estigma cruel da fatalidade.

Um dia surge no pensamento um dilema formidável: a existência de Deus e a existência do mal. A incompatibilidade é manifesta. E' impossível que Deus e o mal coexistam. A existência de um exclui a existência do outro.

E o homem, incapaz de compreender os desígnios da providência divina, prefere negar Deus a considerá-lo cúmplice ou responsável pelas misérias e injustiças, que se apresentam à sua análise superficial.

A divinização do mal é a solução que melhor se lhe apresenta, pois as próprias religiões a sancionam com a doutrina do *diabo* e a dos *suplícios eternos*.

Então o mal é soberano e o suicídio é o único recurso para os males da vida. E' a solução pessimista dos naufragos do pensamento que vão de Hegesias a Hartmann.

Mas não é preciso aniquilar a existência para destruir o mal; basta aniquilar a sensibilidade. As esperanças podem ser illusórias, mas os terrores são inúteis. Sejam fortes na nossa fraqueza. A indiferença soberana é a fórmula mágica da felicidade. Dominemos o Destino com o nosso desdém. Nem rir nem chorar; sorrir apenas, mas um sorriso todo feito de escárneo.

A vida não vale um sorriso nem uma lágrima.

E' assim que os estóicos encaram a vida, desiludidos mas crentes, tristes mas resignados, revoltados mas calmos, cansados mas perseverantes. Eles conseguiram triunfar da dor renunciando aos prazeres.

Na gélida sonolência das coisas onde as possibilidades dormem ainda um sono profundo, o pensamento procura desvendar o seu segredo.

O conhecimento segue a realidade, rastejando, num anseio doido de a possuir; e ela foge-lhe sempre, talvez com medo da sua própria sombra. A lei da vida é o movimento contínuo, a vertigem de Deus. E o Sêr, embrulhado na Forma, vai desfiando o rosário dos seus sonhos.

A' hora crepuscular do entendimento, quando a razão tacteia na densidade pesada do mistério, há clarões que se acendem para se apagarem logo — fosforescências de idéas. O homem, deslumbrado, pensa ver nesses clarões a luz inextinguível da Verdade; mas o clarão apaga-se e a ilusão desfaz-se. O Desalento invade-o, até que, novo clarão, mais luminoso, mais brilhante, mais intenso, exerce sobre êle fascinações estranhas e acorda novas esperanças.

Por mais que o pensamento se embriague de luz, jãmais êle consegue mitigar a sua sede: quanto mais bebe mais sede tem. O' Tântalo da vida, ó pensamento! A Verdade é assim, fugidia sempre, neste desfilar contínuo que é a vertigem da nossa evolução.

Entre a realidade e a sua representação na consciência há uma barreira intransponível, um abismo insondável. O conhecimento é a ilusão visual duma perspectiva mágica: tem a irrealidade e os encantos da miragem. A vida é um deserto.

Então o homem sente a tortura imensa de pensar na inutilidade de todo o esforço para firmar a sciência, para erguer a virtude. Já duvidava de Deus e acaba por duvidar de si. E' a fase do scepticismo.

Os homens tem duvidado de tudo, mas nunca duvidaram da sua dor, e tem sido precisamente a dor que tem agitado o pensamento humano em convulsões de ideal, que o tem erguido às eminências de Deus.

Nesta voragem de ilusões a que se chama a vida, há a necessidade ingente duma idéa divina, onde o pensamento exausto possa apoiar as suas esperanças para subir mais alto. Se a vida pudesse existir sem Deus, ao menos seria insuportável, caótica; por isso a descrença é o maior de todos os males.

Há um anseio divino a vibrar nas almas insaciáveis, nesta indigência de eternidade que nos conduz os passos. A inteligência sem o sentimento é como a luz do luar — pálida e fria.

O trágico dilema da existência de Deus e da existência do mal, volta a surgir no pensamento. Há uma coisa mais forte do que o mal: é a aspiração do bem. A ausência desta aspiração seria o aniquilamento da vida em todas as suas manifestações. Para se subir para Deus é preciso ter muitas penas nas asas.

O pessimismo é uma demonstração pelo absurdo da existência de Deus. De facto, êle que conduz à destruição da vida, não pode resolver os problemas fundamentais da existência.

Já que não podemos prescindir da idéa de Deus, temos de recorrer à negação do mal, resolvendo-o no bem. A doutrina das *vidas sucessivas* encerra a solução do enigma. E' mesmo a única solução possível.

Começa a fase da religiosidade em que o pensamento, confiado em Deus, descansa de seus males e aprende a ver o bem em toda a parte. Basta os olhos serem fontes de pranto para que a vida não possa se rum deserto.

(Continua).

ANTÓNIO L. VILELA

CRÓNICA ESTRANGEIRA ✓

OS FENÓMENOS METAPSÍQUICOS NOS POVOS SELVAGENS

O erudito escritor espírita, E. Bozzano, no seu recente livro « *Des Manifestations supranormales chez les Peuples Sauvages* » e o notável escritor espiritua- lista, C. de Vesme, numa série de artigos publicados na « *Revue Metapsychique* », sob o título, « O papel dos fenómenos metapsíquicos na origem das crenças religio- sas », sítuse duma parte do seu anunciado livro « *Histoire du Spiritualisme Expe- rimental* », fornecem-nos valiosos elementos sôbre a importância que os fenómenos anímicos e espíritas tiveram na eclosão das crenças da humanidade, especialmente nos povos primitivos.

E' extremamente interessante verificar que os variadíssimos fenómenos obser- vados em todos os países cultos correspondem precisamente aos que se manifestam nos povos selvagens, numa concordância plena, quer do seu condicionamento, quer da sua efectivação.

Pela vasta bibliografia legada por inúmeros missionários e viajantes, cujo contacto com estes atrasados povos lhe empresta um real valor, constata-se que, desde as mais remotas eras e nas mais primitivas civilizações, a crença na sobrevi- vência dos mortos e na comunicação de espíritos nasceu anteriormente mesmo à noção de Deus, que só aparece mais tarde quando o cérebro dos indígenas, mais desenvolvido, precisa de buscar uma explicação causal às complexas e variadas manifestações da vida.

Em todos os povos selvagens se observam todos os aspectos de fenomenologia metapsíquica, desde os fenómenos de efeitos físicos até aos fenómenos intelectuais, embora de ordem pouco transcendente e em função do rudimentar desenvolvimen- to mental dos indígenas.

Poderão classificar-se, segundo a nomenclatura hoje habitualmente usada pa- ra os designar, em fenómenos telequinéticos e tiptológicos, ectoplásmicos, pneuma- tofónicos (voz directa), telepáticos, telestésicos, de bilocação ou desdobramento, clarividência, clariaudiência, possessão e obsessão.

Compreende-se que estes fenómenos podem, nas tribus selvagens, observar-se mais freqüentemente do que nos povos civilizados, por serem entre estes considera- dos, pela maior parte, como produções alucinatórias que se procura filiar em cren- ças supersticiosas e improgressivas, coartando dêste modo o desenvolvimento dessas raras faculdades nos indivíduos que as possuem.

E' em consequência dêste prejuízo que, primeiramente o Espiritismo e mais recentemente a Metapsíquica, teem lutado contra as correntes contrárias da opinião preconcebida, que se entrincheira, mas recua, ante a inelutável e avassaladora onda que a Verdade levanta no mar calmo e tranqüilo da inépcia e da indiferença.

E', porém, profundamente doloroso constatar que, quanto ao Espiritismo, são os seus adeptos muitas vezes que o amesquinham com a sua excessiva credulidade e o deturpam com o seu imperfeito conhecimento, narrando e corroborando fenóme- nos que o mais leve senso crítico regeita em absoluto.

O facto de se acreditar em aparições fantasmais e outras manifestações supra- normais, originadas, quer pela intervenção de Entidades invisíveis, quer pelas po- tencialidades anímicas dos vivos, não implica de nenhum modo, da parte dos que nessas manifestações acreditam, a sua incapacidade intelectual como consequência

inerente à fraqueza do seu espírito. Pelo contrário, é perfeitamente conciliável um espírito forte e bem equilibrado, com a crença nesses fenómenos e suas consequências morais e filosóficas, resultante de factos positivos e iniludíveis, observados em condições do mais absoluto rigor científico.

Quantas vezes, esses pretensos espíritos fortes que nos ridicularizam, tremem de pavor ante puerilidades que nos fariam sorrir pelo desconchavo e incoerência!

A Metapsíquica, analisando os fenómenos com um cunho rigorosamente científico, vai demonstrar positivamente aos mais incrédulos o fundamento das nobilíssimas doutrinas do Espiritismo. Basta ver que a maior parte dos metapsiquistas perfilham a teoria espírita. E os que a não adoptam — que poucos são — não deixam por certo de lhe prestar culto no seu fóro íntimo, nos momentos em que o sentimento se alie à razão, dominando o misoneísmo científico que os leva, para demonstrarem a falsa superioridade a que os guindou o seu orgulho, a architectar teorias complicadíssimas e inverosímeis, em contraposição às singelas mas admiráveis concepções do Espiritismo.

Nos povos selvagens, porém, as impressões não são modificadas pela ancestralidade determinante destes atávicos preconceitos e os fenómenos são apreciados à luz da sua primeva inteligência e explicados unicamente pela actuação dos espíritos, a mais singela teoria acessível aos seus acanhados raciocínios.

Como aqueles que são dotados de excepcionais faculdades mediúnicas gozam na sua tribo de uma grande preponderância, compreende-se que os que acusem uma certa predisposição para as desenvolver procurem favorecer a sua eclosão nítida por processos especiais do seu conhecimento.

O próprio interesse das tribus leva os chefes a escolher aqueles em que reconhecem as características que condicionam uma boa mediunidade, para que, por um treino prolongado, atinjam as altas faculdades exigidas a um bom feiticeiro, que desempenha simultaneamente o papel de médico e de padre.

Como já aqui tivemos ocasião de dizer a propósito das plantas adivinhatórias, os jejuns prolongados e a ingestão de certas beberagens, activam as faculdades mediúnicas incipientes de qualquer indivíduo, particularmente se elle é muito nervoso, histérico ou epilético.

Do mesmo modo que entre os povos civilizados, as faculdades supranormais de conhecimento são postas em evidência, em grande número de casos, por meio da visão na bola de cristal, no copo de água, na conhecida clara de ovo que as raparigas costumam deitar na noite de S. João, ou indirectamente determinada pelas cartas, assim também os indígenas das costas do Pacífico, da Austrália e da Polinésia, utilizam para idêntico efeito uma taça ou cabaça cheia de água na qual se desenrolam as visões que a sua criptestesia determina; os da Africa usam vários objectos brilhantes, pedaços de vidro, etc.; os da América empregam pedras e ossos, etc.

Logo que provam as suas faculdades adivinhatórias, depois de submetidos a algumas experiências, são considerados feiticeiros, gozando immediatamente dumas certas regalias.

Os fenómenos metapsíquicos que mais abundam nas numerosas narrativas registadas sobre os costumes dos naturais de todos os continentes onde ainda existem povos selvagens em maior proporção, são factos de clarividência.

Um dos mais antigos factos supranormais relatados no livro «*Histoire Generale des Voyages*», reporta-se a 1620, quando o capitão Jobson chegou a Africa, onde era esperado por um português, Gaspar Gonçalves, que o saudou sem surpresa, embora nada pudesse fazer prever a sua chegada.

Tendo tudo preparado para o receber, convidou-o para jantar e contou-lhe como tinha sabido, havia dias, da sua próxima chegada. Tendo consultado um

marbulh (padre indígena) foi informado com todos os pormenores da chegada do capitão.

Um outro facto interessante ocorrido igualmente em Africa, foi narrado há anos pela revista de William Stead, «*Borderland*», e transcrito na «*Rivista di Studi Psichici*» :

«Dois ingleses, que residiam no Transvaal, achavam-se caçando a 400 milhas de Pretória quando encontraram um mágico, *médico* cafre, ao qual, por distração, pediram que lhes lesse a sina.

O adivinho esvaziou no chão o conteúdo dum saquito que continha pedaços de vidro de várias côres, ossos e pedras.

Depois de ter examinado atentamente estes objectos dirigiu a palavra a um dos consultantes e disse-lhe que, dois ou três anos antes, êle tinha atravessado *grandes águas* para ir à terra dos brancos, e que aí tinha pedido em casamento uma rapariga que morreu pouco tempo depois; que agora estava noivo duma outra rapariga de Pretória, mas que, a-pesar da afeição mútua que os ligava, êles não se casariam porque o pai da rapariga não dava o seu consentimento, por achar insufficientes os recursos financeiros do noivo.

O que se referia ao passado e ao presente era perfeitamente exacto; e o que dizia respeito ao futuro realizou-se passados quatro meses.

O feiticeiro lançou em seguida ao chão os objectos para o outro consultante, mas tornou-os a meter no sacco imediatamente, recusando-se a dar a conhecer o que êles lhe sugeriam.

Cedendo às solicitações do interessado, espalhou uma segunda vez os objectos, mas tornou de novo a juntá-los.

Instado por perguntas, respondeu que via tristes eventualidades e que não queria causar desgosto ao seu cliente.

O viajante, cuja curiosidade se encontrava espicaçada por estas reticências, ordenou-lhe que consultasse as pedras mais uma vez e que lhe dissesse o que via. O mágico obedeceu e acabou por declarar: «Tu resides a meia hora de caminho, a pé, do outro lado de Proot Dorps. E's casado e tens dois filhos, mas a mais pequena, que pode ter dezoito meses, está tão doente que o médico julga que ela morrerá. A mãe anda dum lado para o outro, muito agitada, conservando-a nos braços e dizendo: «Ela morrerá antes da volta do pai que não a tornará a ver!»

Os dois caçadores só voltaram para casa seis semanas mais tarde, não pensando já nos tristes preságios do cafre, aquele a quem êles diziam respeito.

Quando chegou a casa, a mulher, correndo ao seu encontro com as duas crianças, acolheu-o com estas palavras: «Oh! Tom, como estou contente por te ver! A nossa Violeta esteve muito doente».

Então o viajante, recordando-se das predições do feiticeiro, tirou da carteira o livro de notas onde tinha registado estas comunicações e perguntou à mulher quando a pequena tinha estado doente. A coincidência das datas era perfeita. Interrogando a mulher para ver se ela se recordava de ter pronunciado alguma frase que traduzisse o seu estado de alma, ela respondeu-lhe que, nos momentos de maior perigo, tendo a pequena nos braços, não cessava de repetir estas palavras: «Oh! minha queridinha, temo bastante que teu pai não te torne a ver!»

O facto seguinte, passado com selvagens da América, é imensamente interessante como visão nítida e detalhada do futuro:

«O Sr. Du Bay chegou a um posto comercial nas quedas de Wiscousin. Esperava aí um outro comerciante que devia chegar dum posto mais ao norte, no Lago Superior. Havia alguns dias que esperava em vão, quando um *médico* pele-vermelha lhe propôs fazer-lhe conhecer quando o seu amigo chegaria. Aceite a proposta com certa desconfiança, o mágico sentou-se na relva e cobriu a cabeça. Ao fim de alguns minutos, disse: «Amanhã as nuvens cobrirão o céu; mas quando o sol estiver quasi a pôr-se, vê-lo heis brilhar entre as nuvens. Então se olhardes na direcção da terra, do lado oposto aos lagos, vereis surgir o vosso amigo».

No dia seguinte, como êle tinha predito, o céu esteve nublado até ao fim da tarde, mas as nuvens formaram uma larga clareira por onde o sol apareceu. Du Bay, como não via aparecer o negociante, olhando para o ponto indicado, voltou-se para o mágico e começou a gracejar. Este apenas respondeu: «Vou ver». Sentou-se como na véspera durante uns instantes e levantando-se disse: «Dentro de cinco minutos o vereis».

«Efectivamente, ao fim dêste tempo, conta Du Bay, o meu homem aparecia...»

* * *

Os indígenas são extraordinariamente sensíveis às transmissões telepáticas,

razão única pela qual se pode explicar a divulgação rápida de notícias, a-pesar das enormes distâncias que os separam dos lugares a que se referem.

Embora se afirme que na eminência de perigos os indígenas avisam as tribus distantes por meio de ruidos de tambores ou de sinais luminosos, esse modo de transmissão deve ser excluído em absoluto quando factos imprevistos que não podem ter sinais previamente combinados para os traduzir, são conhecidos a grandes distâncias.

A este respeito é interessante conhecer as opiniões espendidas por um indígena australiano, David Unaipon, que, tendo recebido uma instrução bastante completa, fez uma conferência na sala da Administração de Ballarat, no Estado de Vitória, em Julho de 1914, sobre os costumes e as crenças dos seus, narrada na revista «*The Harbinger of Light.*»

Nela negou absolutamente que os indígenas comuniquem entre si por meio de sinais de fogo e fumo, como o afirmam vários viajantes.

«O fogo e o fumo — declarou — só servem para atrair a atenção. Supunhamos que desejo transmitir uma mensagem a meu irmão que habita a 20 milhas daqui. Eu farei um sinal de fumo. Depois sentar-me hei e concentrarei o meu espírito no meu irmão. A coluna de fumo será percebida numa área de muitas milhas e todos os negros concentrarão o seu pensamento, pondo o seu cérebro em estado de receptividade. Mas só o meu irmão se impressionará pelo meu apêlo mental, podendo eu então transmitir-lhe a mensagem que desejo. Trata-se portanto de transmissão de pensamento, que aqui era praticada muito tempo antes que os brancos dela se tivessem ocupado.

A clarividência era também praticada pelos negros australianos. Entrando em estado de transe, diziam que o seu espírito viajava para ir ver os seus amigos onde quer que se encontrassem. Podiam entrar espontaneamente em transe ou em sono sonambúlico. Eu nunca pratiquei esta operação, mas vi-a realizar, ouvi dizer aos videntes ao acordar o que tinham visto, onde tinham estado, etc.

Conheci um homem que se tinha comprometido a ir ver um amigo que se achava à distância de 5 milhas numa ponta de terra separada de nós por um grande braço de mar. O homem entrou em transe. Voltando a si, expôs o que fazia o amigo, que eu encontrei alguns dias mais tarde, podendo certificar-me de que as declarações do clarividente tinham sido exactas.»

Declarou também, que se os naturais da Oceania estavam ainda na «idade da pedra» quando estas ilhas foram descobertas, estavam contudo muito mais avançados que os europeus em certas práticas de experimentalismo psíquico, como o hipnotismo, a clarividência, a telepatia, etc.

O Sr. Cyrill Campbell, antigo correspondente de guerra do «Times», grande caçador e explorador de Africa, onde reside há muitos anos, conta alguns factos probativos de telegrafia mental, e entre êles os seguintes:

«O massacre duma expedição branca na região dos «Benin», foi conhecido pelos indígenas da Costa de Ouro duas horas depois da tragédia...»

«Os indígenas souberam que o couraçado Vitória tinha naufragado, muito tempo antes que a notícia nos fôsse telegrafada...»

«Um magistrado de King-Williamstown contou-me que no decurso duma guerrilha na fronteira, o filho dum chefe que se achava entre os combatentes, empregado na sua repartição, se apresentou com a cabeça rapada. O magistrado, sabendo que isso era sinal de luto para os naturais, perguntou-lhe quem lhe tinha morrido. O rapaz respondeu-lhe que o seu pai acabava de ser morto no último combate na fronteira, indicando a localidade em que o cadáver jazia. O magistrado não podia acreditar na narração, visto não ter recebido nenhum telegrama da frente. Quando porém chegaram notícias verificou-se a exactidão das afirmações do indígena, que condiziam absolutamente com os pormenores narrados...»

As alucinações telepáticas no momento da morte abundam. Citaremos a seguinte narrada por Tylor no seu livro «*Primitive Culture*»:

Um grupo de australianos tinha abandonado a sua aldeia para uma caçada aos javalis, tencionando demorar-se. Uma noite, estando reunidos em volta duma grande fogueira ao ar livre, dois dos caçadores viram aparecer um dos seus companheiros que tinham deixado doente

na aldeia. Às suas exclamações de terror, a aparição desapareceu. Quando os caçadores regressaram, foram informados de que o seu companheiro, aparecido na floresta, tinha morrido no mesmo dia em que o tinham visto.

Os factos de alucinação telepática no momento da morte são de tal modo freqüentes, que comprovam que essa crença repousa sobre um fundo incontestável de verdade.

Nas memórias de quasi todos os viajantes que se internaram por terras inexploradas de todos os continentes, mesmo das regiões boreais, figuram manifestações supranormais atribuídas quasi constantemente à intervenção dos desincarnados.

Nos arquipélagos polinésios é voz corrente a crença dos naturais nas manifestações dos mortos. O Sr. Domeny de Rienzi, no livro «*Oceania*» assegura que essa crença é universal nas ilhas do Sul do Pacífico, precisando que em Tikopia, na Polinésia, existe um edifício designado em língua indígena pelo nome de Casa dos Espíritos, que os indígenas supõem ser a sua habitação.

Perron d'Arc na sua obra «*Aventures en Australie*» conta que os indígenas australianos vão de noite aos cemitérios para comunicarem com os seus mortos.

Os naturais da Nova Guiné empregam mesas para obter comunicações, do mesmo modo que nós, afirmando M.^{me} Beatriz Grimshaw, que elles obtem dêsse modo revelações interessantes, embora de espíritos inferiores, que se limitam a dar as respostas por pancadas convencionais, traduzindo sim ou não.

O juiz Manning, que viveu durante muitos anos entre os Maoris, no seu livro «*The old New Zeland*», considerado pelos antropólogos obra de grande valor, descreve uma sessão espírita a que assistiu, que merece uma especial menção.

Tendo morrido numa batalha um chefe duma tribo que muito o estimava, resolveram vários amigos pedir ao *tohunga* (padre indígena) que evocasse o seu espirito. Como o juiz Manning tinha pertencido ao número dos seus amigos, foi convidado a assistir à sessão que se realizou numa grande casa comum a tôda a população.

Levado pela curiosidade não deixou de comparecer, embora julgasse ir assistir a uma indigna comédia. Todavia a seriedade e a emoção da assistência em breve o convenceram da sua boa fé. As mulheres choravam e os homens mantinham-se numa atitude grave e comovida, o que emprestava um ar solene e impressionante a esta cerimónia.

O padre retirou-se para um canto da casa onde brilhavam alguns fogos que espalhavam a princípio uma luz vaga e indecisa até que se extinguiram a pouco e pouco, ficando a casa quasi na obscuridade.

De repente, após uma prolongada expectativa, soou uma voz que exclamou: Salvé! Vivam! Viva a minha tribo, a minha familia, os meus amigos, o meu amigo pakeha! (nome por que se designava o juiz).

Houve uma explosão de choros e gritos dilacerantes. A irmã do falecido chefe, querendo precipitar-se para o lugar donde a voz parecia vir, foi detida pelos irmãos, ao mesmo tempo que perguntava, agitada por um tremor convulso: «E's tu, és verdadeiramente tu? Eles guardam-me, vigiam-me. E' por isso que não posso seguir-te; mas o sol não se levantará... e, sem poder terminar, caiu desmaiada. Restabelecida a calma, o espirito tomou de novo a palavra, dizendo: «Falai-me, homens da tribo! Falai-me, vós, da familia! E tu pakeha!»

Foi o irmão do falecido que se decidiu a falar primeiramente, perguntando: Como te achas onde estás? O espirito respondeu: «Estou muito bem aqui». Seguidamente os assistentes perguntaram por vários amigos já falecidos, para alguns dos quais pediram ao espirito presente que se encarregasse de certas missões.

Depois de várias peripécias, o juiz Manning, recordando-se de que o falecido chefe tinha sido o primeiro a aprender a ler e a escrever na sua tribo, e fizera em vida um diário dos acontecimentos que se produziam entre a sua gente, diário que se não tinha conseguido encontrar, perguntou-lhe onde o tinha escondido. A voz do espirito respondeu: «Ocultei-o entre o *tabuku* e o tecto da casa, mesmo defronte da porta».

O irmão foi imediatamente ao lugar indicado e em breve reapareceu com o caderno na mão.

De repente a voz disse: Adeus, minha tribo! Adeus, minha familia! Parto. No meio do clamor geral das manifestações de saudade, o espirito afastou-se gradualmente, ecoando as suas exclamações de despedida cada vez mais longinquamente até que se perderam nas trevas do infinito.

Inúmeras são as manifestações idênticas obtidas entre povos selvagens de vários pontos do globo, nomeadamente na Africa e na América. Em Africa realizam-se muitas vezes sessões experimentais bastante análogas às nossas sessões espíritas.

O Sr. André Nervin conta no «*Echo du Merveilleux*», que, achando-se em Amoron, (Madagascar) viu seis naturais reunirem-se numa cubata, afirmando que um Angatchi (espírito) do seu conhecimento lhes aparecia para lhes dar conselhos. Dizem que depois dum certo tempo viam modelar-se e tomar forma, no fumo dum as ervas especiais que queimavam propositadamente, um fantasma cuja voz ouviam distintamente.

Muitos factos haveria a narrar sôbre tão interessante assunto, mas somos obrigados a restringi-los para não nos alongarmos demasiado.

Sòmente nos referiremos aos fenómenos telequinéticos que são relativamente frequentes entre os selvagens, figurando vastamente representados nos fenómenos metapsíquicos que se lhes atribuem.

E' sintomática a declaração feita por Mons. Veston, bispo de Zanzibar, num artigo dirigido ao «*Daily Express*». Este testemunho é tanto mais valioso quanto é certo ser firmado por um categorizado representante do catolicismo, que presidiu ao Congresso anglo-católico realizado em Londres na primavera de 1923.

Eis o que êle diz àcerca dos casos de «*poltergeist*», que é como quem diz, traduzindo à letra esta palavra alemã, espírito perturbador :

«Achei-me numa casa construída com terra amassada — tal é o sistema de construção de todas as casas dos naturais de Zanzibar — e vi grandes pedaços de rebôco arrancados violentamente às paredes e atirados ao ar. Como se pode pensar, eu fui àquele lugar absolutamente scéptico a tal respeito ; por isso exigi que tôda a gente saísse da casa, fazendo-a depois rodear por um cordão de guardas. A-pesar disso, grandes bocados de rebôco continuaram a destacar-se violentamente das paredes e a projectar-se espontâneamente contra o tecto.

Voltei à casa e comecei os exorcismos, pronunciando as orações rituais. As manifestações cessaram logo. A casa foi reparada e os fenómenos perturbadores não se renovaram.

Parece-me que depois de ter assistido a semelhantes manifestações, seria irracional e absurdo sustentar que não há espíritos entre nós. Podem-se sustentar essas coisas aqui em Inglaterra, mas numa terra como Zanzibar, em que tôda a gente acredita na existência dos espíritos, e onde se pode dizer que a atmosfera está saturada por essa crença, a coisa é bem diferente...»

O processo de comunicação por meio das varinhas mágicas, que os indígenas africanos designam pelo nome de *Umabakula*, é um dos mais característicos fenómenos de telequinésia.

O Dr. Callaway, na sua obra «*Amazula*», descreve assim o modo de operar dos raros feiticeiros que possuem a faculdade adivinatória por êste processo :

Se as varinhas querem dizer *não*, deixam-se cair imediatamente. Se dizem *sim*, levantam-se e começam a dançar, saltando para o consultante. Fixam-se no lugar em que a pessoa está doente, designando-o. Se sofre da cabeça, salta-lhe à cabeça, etc. Muitas pessoas acreditam mais no Umabakula do que nos adivinhos. Mas há poucos homens que tenham o Umabakula.

Andrew Lang, na sua apreciadíssima obra «*The Making of Religion*», cita o modo como um Lama mongol recuperou um roubo de diferentes peças de damasco, que é também um caso notável de telequinésia. Sentando-se num banco, êste arrastou-se saltando até à tenda do ladrão, que foi assim descoberto.

A série dos factos é interminável e a curiosidade que despertam só poderá ser satisfeita por completo, quando se compulsam as obras que se referem às inúmeras e variadas manifestações supranormais observadas nos povos selvagens.

Os testemunhos que as afirmam são valiosos e insuspeitos, visto provirem de pessoas que lhes eram adversas mas que com tôda a lealdade as confessam desasombradamente, vencidas pela sua realidade.

Leiamos ainda o que o padre Boilat escreve a êste respeito no seu livro «*Esquisses Sénégalaises*» :

«Durante seis anos prêguei o Evangelho a estes povos, intimamente persuadido de que só havia mentira e fraude da parte dos marabus, dos adivinhos e dos feiticeiros... A experiência mostrou-me, porém, que devia assinalar estes usos como diabólicos, mas não lhes negar a veracidade. Outros missionários foram testemunhas dêles, como eu...»

Os fenómenos enumerados já bastam para que possamos, como conclusão, perfi-lhar a frase com que, a respeito dos fenómenos metapsíquicos dos selvagens, o grande mestre, E. Bozzano, sintetiza a sua opinião: «*Esta prova, tomada entre os povos selvagens, serve para estabelecer a autenticidade dos fenómenos supranor-mais análogos, obtidos nos povos civilizados. Em consequência disto, e graças à análise comparada dos factos, é preciso admitir, como scientificamente demonstra-da, a existência duma ordem de fenómenos supranormais de realização universal*».

PEDRO CARDIA

DEPOIMENTOS

AOS CATÓLICOS

Pastoral publicada pelo Bispo Católico, D. Fran-cisco Federio, de Juiz de Fora, Estado de Minas (Brasil).

A lei do mundo é a lei do progresso. Negar a sciência e seus desenvolvi-mentos, é negar o próprio progresso e impedir que a verdade seja conhecida.

A sciência não é uma crença reservada a uma classe nem a um partido: é a verdade e ela não é exclusivo de ninguém. Ao mesmo tempo que deve res-peitar a moral — que é a base e o cimento do edifício social — não se deve cor-tar as asas aos investigadores, contestando a realidade de suas descobertas. A verdade consegue sempre os seus fins. Se a aprisionam dum lado, ela sai do outro. A sciência avança incessantemente. Galileu foi ao princípio considerado como um louco, como um herético, e, como tal, o excomungaram: mais tarde reconheceram que êle havia dito a verdade afirmando o movimento da Terra. Esta afirmativa foi a causa da sua condenação e do seu martírio, e tiveram de converter a teoria de Galileu em um acto de fé mundial.

E' o que sucederá com o Espiritismo, que se apoia sôbre a sciência e que pôde revelar aos homens, por provas irrecusáveis, a existência da natureza espiritual e das suas relações com os sêres incarnados. Segundo a minha ma-neira de pensar, eu, Bispo católico romano, digo que o Espiritismo não deve ser condenado como obra exclusivamente diabólica, e que os espíritas não de-vem ser declarados fora das vias de salvação, nem chamados heréticos, nem reservados ao inferno. Se mais tarde têm de reconhecer o bem fundado desta sciência, porque, na hora actual, se permitem considerá-la como sacrilégio? A sciência está acima de tudo. Que surpresas não reserva ela às gerações futu-ras?!... «*Deixai, deixai, as águias voar através do espaço, proclamando a grandeza e onipotência de Deus, dizia David. Em seguida novas luzes bri-lharão sôbre a Terra!*»

Eu não sou espírita e não pretendo, aqui, tomar a defesa do Espiritismo, desta evolução das crenças que, quotidianamente, ganha terreno nas almas, e nos cinco continentes. Mas eu sou, como muitos homens de boa fé, um observador de factos que não podem ser contestados, um estudante das idéas modernas, e inteiramente disposto a abraçar a verdade desconhecida, sejam quais fôrem as pessoas que ma tragam e ma mostrem debaixo de formas aceitáveis. E' absurdo modelar a verdade segundo as nossas conveniências pessoais. Pelo que me diz respeito, eu não encontro no Espiritismo nenhum dos males que o accusam de conter. Não, eu não os vejo! Ex fructibus eorum, cognoscetis eos. Pelos seus frutos, os conhecereis! dizia, o Cristo, aos falsos profetas. — Bem; quais são os frutos do Espiritismo? Uma fé em Deus, viva e ardente, um imenso amor pelo próximo, um sentimento universal de fraternidade. Que encontram de mal em tudo isso? Eu, pelo contrário, só encontro o bem. O Espiritismo, construído sôbre estas bases, não pode arruinar o mundo: Ele mantém-se entre Deus e a Caridade. Ora a Caridade está em Deus, e Deus está nela.

Se o Espiritismo fôsse uma obra essencialmente satânica, se todos os Espíritos, que aparecem no mundo, fôsem maus Espíritos, então, seriam também maus Espíritos os que apareceram a todos os Santos, personagens de que está povoada a história do cristianismo. Está nisso um raciocínio lógico. Todas as visões de Santos teriam sido visões diabólicas! E isso nós não o podemos crer. Bona mixta malis. O bem está misturado ao mal. As sessões espíritas, pelos feitos de certos maus espíritos, podem, eventualmente, ser perigosas, mas não o são todas, longe disso, e aí vêm bons, muito bons Espíritos. Condenar ex abrupto todas as intervenções de Espíritos nos assuntos humanos é uma aberração. Esta sciência nova da qual, a bem dizer, a origem é anterior ao nascimento de Cristo, merece reter o máximo da nossa atenção. Seguramente, a excomunhão pesa ainda sôbre ela, mas isso não quer dizer que os dias do Espiritismo estejam contados.

Vamos, ergamos os olhos para a luz. Voltemo-nos para aquele que disse: « Crede e vivereis ».

Pedimos a todos os nossos prezados Confrades e Leitores que tenham conhecimento de fenómenos supranormais inéditos, acontecidos em Portugal, Ilhas ou Colónias, devidamente comprovados, o obséquio de nos enviarem um relatório minucioso e claro, indicando as pessoas de respeitabilidade que os possam autenticar, a-fim-de iniciarmos a publicação, nesta Revista, dêste interessante inquérito português.

A Comissão Directiva

NOTICIÁRIO

PORTUGAL

Comissões Federativas de Propaganda Espírita — Nos números anteriores desta Revista foram publicados os Corpos Gerentes destas Comissões, relativas a Portel, Montemor-o-Novo, S. Brás de Alportel, Olhão, Silves, Lagôa, Caldas da Rainha, Beja, Portimão, Alandroal, Alcochete, Bombaral, Ponte de Lima, Moura e Leiria. Estão também eleitas as respectivas Comissões de Estoy, Santa Bárbara de Nexe, Matosinhos, Figueira da Foz, Alcobaça, Barreiro, Praia (S. Vicente de Cabo Verde), e Mossâmedes (África Oriental), que a falta de espaço nos impede de publicar neste número.

Estão em via de realização as do Pôrto, Coimbra, Braga, Macau, Estremoz, Funchal, Ponta Delgada, Faro, Vila Viçosa, Reguengos de Monsaraz, Vila Nova de Gaia, Santarém, Lagos, Chaves, Pedrógão Grande, Viana do Castelo, Almada, Pombal, Setúbal, Marinha Grande, Aveiro, Vagos, Ilhavo, Seixal, Aldeia Galega, Alhandra, Mafra, etc.

Os princípios, que regulamentam a eleição destas Comissões, vêm nitidamente expressos nos números 1 e 4, do 1.º ano desta Revista, nas páginas 19 e 152, e, assim, respondemos a várias consultas que têm sido feitas neste sentido a esta Federação.

Estas Comissões são a base da Organização Federativa.

Organizemo-nos, pois, na plenitude duma íntima confraternização para uma intensiva e bem orientada propaganda.

Só a organização metódica e disciplinada gera a fôrça que leva à vitória.

Revista de Espiritismo — Continuamos a registar, com profundo reconhecimento, as cativantes referências feitas pela imprensa nacional e estrangeira a esta revista:

Do antigo e conceituado diário «*Comércio do Pôrto*», transcrevemos:

«*Está publicado o n.º 2 desta curiosíssima publicação bimestral, de metapsíquica, esoterismo, hipnomagnetismo e ética, órgão da Federação Espírita Portuguesa, que se publica, em Lisboa, sob a intelligente direcção dos srs. dr. Afonso A. Martins Velho, dr. Adolfo Sena, dr. António J. Freire, António Vilela, Alberto Zagalo Fernandes e dr. José Neves Júnior, apresentando-se com magnífica e sugestiva colaboração.*

Para avultar-se do interesse deste número, basta fazer a transcrição do sumário, que é o seguinte:

«*Sobre a idela de Deus*», por António L. Vilela; «*Espiritismo*», por Pedro Cardia; «*O mito satânico*», por Maria O'Neill; «*A alma humana*», pelo dr. António Freire; «*Dr. Adolfo Sena e Alberto Zagalo*», pela Comissão Directiva; «*A Pastoral do Sr. Arcebispo de Braga*», pelo dr. António Freire; «*General Viriato Zeferino Passalacqua*»,

pela Comissão Directiva; «*Factos supranormais*»; «*Vozes do além*»; «*Noticlário*»; etc.

Bom se nos asigura que em Portugal alguns espíritos lúcidos comecem a interessar-se pelos assuntos que esta revista se propõe tratar, pois muito e muito poderá lucrar a nossa cultura, sabido como é que nos meios scientificos estrangeiros muito se tem avançado, enquanto nós permanecemos na ignorância que tudo nos caracteriza.

Da revista «*A Vanguarda Espírita*», de Lisboa, de que é Sub-Director o distinto médico sr. Dr. Bivar Robertes, transcrevemos:

«*Está publicado o primeiro número da «Revista de Espiritismo», órgão bimestral da Federação Espírita Portuguesa.*

Com uma bela apresentação e superiormente redigida, esta revista vem preencher uma lacuna na imprensa espírita, onde, desde há muito, se fazia sentir a necessidade duma publicação de carácter acentuadamente científico.

Saudando o novo colega, com o qual gostosamente estabelecemos permuta, e agradecendo a sua visita, fazemos votos por que tenha longa vida e muitas prosperidades.

Da revista «*Isis*», órgão oficial da Sociedade Teosófica Portuguesa, superiormente dirigida pelo sr. Coronel Oscar Garção, transcrevemos:

«*Acabamos de receber esta interessante Revista, órgão da Federação Espírita Portuguesa. De há muito se tornava necessária a sua aparição, não só para em suas páginas arquivar o relato de todo o movimento espírita português, como para, por um processo de propaganda metódica e proficentemente dirigida, espalhar a Verdade entre as multidões.*

Impressa em magnífico papel, traz artigos de muito valor e vê-se bem na sua esplêndida orientação, o dedo do gigante.

Apresentando-lhe os nossos cumprimentos, desejamos-lhe um caminho, já não diremos sem obstáculos, porque os terá por certo como nós os temos, mas cheio duma calma serenidade em os vencer, o que lhe proporcionará um triunfo.

Ao novo porta-voz do Espiritismo agradecemos a sua visita e desejamos-lhe prosperidades.

Da revista «*Eleusis*», de Lisboa, dirigida pelo ilustre professor e eminente polígrafo, sr. Dr. João Antunes, transcrevemos:

«*A Revista de Espiritismo, órgão da Federação Espírita Portuguesa, iniciou a sua publicação com interessantes estudos dos Drs. D. Amélia Cardia, António Vilela, A. Freire, Martins Velho, Adolfo Sena, etc. E' de esperar uma esplêndida influência desta Revista, que em moldes novos e scientificos, enfrenta os problemas modernos e candentes do Neo-espiritualismo.*

De «*A União Portuguesa*», Califórnia, o mais antigo jornal português que se publica na América do Norte e um dos melhores conceituados, transcrevemos:

«*Revista de Espiritismo: E' o título dum magnífico folheto de 40 páginas, publicação bimestral, órgão da Federação Espírita Portuguesa, com sede em Lisboa.*

Temos presente os três primeiros números, impressos em bom papel, esplêndidas gravuras e que se referem a Janeiro — Fevereiro, Março — Abril e Maio — Junho e inserem magníficos artigos da Dr.^a Amélia Cardia, D. Maria O'Neill

Dr. António J. Freire, António L. Vilela, Pedro Cardia, etc.

A redacção da Revista de Espiritismo é na rua da Assunção, 58, Lisboa e o seu preço é de 3\$00 por número avulso e a assinatura para os Estados Unidos é de D. \$1.50 por ano.

Agradecemos os exemplares enviados a esta redacção.

Do importante e popular diário, «Gazeta de Notícias», do Rio de Janeiro, transcrevemos :

« O Espiritismo acaba de entrar em nova e triunfante fase, em Portugal. Com a fundação da Federação Espírita Portuguesa, congregaram-se os elementos, então dispersos, sob uma mesma orientação doutrinária. Este é o facto de maior relêvo na história do Espiritismo na Lusa terra.

A publicação da « Revista de Espiritismo », órgão da Federação, e que surge brilhantemente na vanguarda da propaganda, é outro facto auspicioso para o desenvolvimento da doutrina nêsse país. Prova da aceitação que encontrou, não só em Portugal como no Brasil, temo-la no facto de se haver logo esgotado o primeiro numero, obrigando os nossos confrades a providenciarem para nova edição.

A aceitação carinhosa que logrou, merece-a, efectivamente, a « Revista », pela sua simpática feitura tipográfica, pelo noticiário interessante que divulga e, sobretudo, pela orientação firme que tanto a identifica às melhores publicações do género ».

Do jornal « A Luz », de Maceió (Brasil), brilhantemente dirigido pelo sr. Francisco Fialho, transcrevemos :

« Deu-nos o prazer da sua visita o nosso distinto confrade, sr. António José Alves, viajante comercial, que representando a Federação Espírita Portuguesa, percorre o Brasil com o nobre intuito, que é o daquela instituição lusa, de estreitar as relações fraternas entre os espíritas do Brasil e de Portugal.

A exemplo do que já fez em diversos estados, o distinto e simpático viajante deixou nomeada nesta Capital a seguinte

Comissão Delegada da Federação Espírita Portuguesa:

- Presidente: Francisco Fialho*
- Secretario: Zanelli Caldas*
- Tesoureiro: Alípio Carvalha*
- Vogais:*
- Euripedes Tenório de Lima*
- Dr. Fernando Malta Compos*
- Dr. Perdigão Nogueira*
- Professor Auryno Mactel*
- Dr. José Barbosa Júnior*
- Coronel Manuel Zeferino dos Santos*
- José Alves Morgado*
- Oséas Rosas.*

A referida Comissão fará à F. E. P. proposta de sócios e trabalhará pela realização do ideal fraternalista de que é depositária pela sua finalidade e pelo seu próprio carácter de espírita.

Os sócios da F. E. P., no Brasil, pagarão (à opção) 2\$ ou 3\$000 mensais com direito a receber todas as publicações da citada Federação, inclusive a sua *Revista de Espiritismo*, que é uma das mais importantes publicações espíritas do mundo e a melhor em lingua portuguesa.

Recomendamos a citada Comissão ao apoio dos espíritas de Alagoas.

Beneficência e Caridade — Apesar da Federação Espírita Portuguesa, agora no seu início, vir lutando com grandes dificuldades financeiras para a realização duma intensiva propaganda — seu principal objectivo — contudo, não tem descurado, sempre que se lhe oferece ensejo, de acudir à angustiosa onda de pobreza que invade Lisboa.

Neste sentido, vem distribuindo, desde a sua fundação, algumas centenas de escudos, anualmente, pelos mais necessitados estabelecimentos beneficentes desta capital, esperando, logo que as circunstâncias assim o permitam, dar uma solução condigna ao problema de beneficência e de assistência, como impõe a sua organização estatutária.

Nesta orientação, a-fim-de comemorar o Natal, foi nomeada uma Comissão, composta das senhoras: D. Maria O'Neill, D. Inês Cardia, D. Amélia Ferreira Grilo, D. Emília Gonçalves, D. Cecília de Sousa e do sr. Pedro Cardia, Secretário Geral desta Federação, a-fim-de angariar os meios necessários dentro do meio federativo, subscricção que rendeu algumas centenas de escudos.

Esta Comissão visitou as Inválidas do Trabalho (Asilo de Santo António dos Capuchos), ao Campo de Sant'Ana e a Casa de Correção das Mónicas, onde distribuíram por todas as albergadas e reclusas algumas centenas de pacotes de bolos e doces.

Durante a distribuição falaram a senhora D. Maria O'Neill e o sr. Augusto Araujo, enaltecendo a moral e a caridade cristãs, palavras que produziram profunda impressão no ânimo das reclusas, vendo-se em muitos rostos lágrimas de arrependimento e de commoção.

Também na sede da Federação Espírita Portuguesa foram oferecidos vestidos e agasalhos de lã a dezoito crianças pobres, sendo distribuídos nesta ocasião, por todas elas, doces e brinquedos.

Agradecendo a todos os Confrades os valiosos auxílios que prestaram para esta pequena e modesta festa de caridade, somos forçados a não citar o nome dos beneméritos doadores, a-fim-de acedermos aos seus insistentes pedidos.

A Federação Espírita Portuguesa, tencionando realizar, pela Páscoa, um sarau literário-musical, em benefício da Assistência a crianças necessitadas, pede, desde já, o valioso concurso e donativos a todos os seus Con-sócios, assim como os melhores alvitres e adesões artísticas para : a boa execução do programa :

Propaganda espírita — O nosso dedicado e talentoso Confrade, sr. A. A. de Freitas e Silva, estudante da Faculdade de Letras, (Filosofia e Ciências Históricas) tem continuado a realizar interessantes e

eruditas conferências sobre Espiritismo, nesta capital. Eis os temas de algumas das suas últimas conferências, realizadas na Universidade Livre: «*Imortalidade*»; «*Comunicabilidade entre vivos e mortos*»; «*A Constituição ternária do Homem*».

Do importante jornal «*Diário de Notícias*» transcrevemos:

«Na Universidade Livre, realizou ontem à noite uma conferência o sr. Freitas e Silva, subordinada ao tema: «A constituição ternária do homem». Sentidos, acções e pensamentos. Ciência e religião, moral e saúde, inteligência e matéria. Corpo e espirito. Sentimentos e razão. Ideal e realidade.

O conferente explanou várias idéas sobre o espiritismo e reencarnação da alma, explicando o problema do bem e do mal e declarando que estes conhecimentos foram adquiridos desde que se estudaram os fenómenos espiritas.

No fim, o conferente dissertou largamente sobre o amor e a fraternidade».

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas — Sob esta epígrafe, transcrevemos do conceituado diário do Pôrto — «*Jornal de Notícias*»:

«Esta ciência, a que no estrangeiro inúmeros sábios tem dedicado anos de profundo estudo e meticolosa observação, dos quais destacaremos os conhecidos homens de ciência que foram Flammarion, William Crooks, Léon Denis, Lombroso etc. e ainda Charles Richet, do Instituto de França e da Academia de Medicina; sir Arthur Conan Doyle, o conhecido escritor inglês; Professor Leclairche, do Instituto de França e Inspector Geral em chefe dos Serviços Sanitários do Ministério da Agricultura; Oliver Lodge, da Sociedade Real de Inglaterra; Giovanni Giraolo, Senador Real da Itália e Presidente da Cruz Vermelha, e tantos outros que seria fastidioso enumerar, que de há muito se dedicam afinadamente ao estudo e investigações psíquicas e metapsíquicas, vai ter também nesta cidade um centro de observação.

Está já fundada a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, com sede à Rua de Camões, 364, que em breve vai iniciar os seus trabalhos, para o que se está preparando há algumas semanas. Conta já no número dos seus associados, médicos, professores, homens de letras, oficiais do exército, magistrados, comerciantes, empregados, etc.

Quaisquer adesões podem ser enviadas para a sede daquela Sociedade, acima indicada».

Estando integrados nesta Sociedade dos mais lídimos e dedicados expoentes do Espiritismo da Capital do Norte, será com o mais grato prazer que a Federação Espirita Portuguesa prestará todo o seu patrocínio para o engrandecimento da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, pedindo a todos os Espíritos portuenses que nela se filiem, prestando-lhe todo o seu valioso concurso e confraternização.

«**Sol do Porvir**» — Completou o seu glorioso 5.º aniversário este esplêndido mensário, estrênuo defensor da causa espirita, órgão do «*Centro Espirita de Leiria*», um dos mais bem organizados e orientados de Portugal, a quem enviamos as melhores saudações fraternais, fazendo votos a Deus por todas as suas prosperidades.

Coronel Carolino Acácio Cordeiro
— Desincarnou em Dezembro p. p., depois

de prolongada doença, que sofreu com verdadeira resignação cristã, êste esforçado e admirável propagandista da mais elevada e nobre espiritualidade.

Director da revista — *Gnose* — de Lisboa, era o Soberano Grande Comendador do Rito Memphis-Misraim, para Portugal e Colónias, e fundador e Secretário Geral da Sociedade Ocultista de Portugal, onde estão filiados alguns dos melhores elementos espiritas portugueses.

Assumiu provisoriamente a Direcção da «*Gnose*» o distinto médico sr. Dr. Manuel Augusto de Lacerda, erudito Hermetista e um dos mais proficientes Kabalistas portugueses.

A Pastoral do Sr. Arcebispo de Braga (Comentários) — «*Separata da «Revista de Espiritismo» n.º 2, Março-Abril, de 1927 — Edição dos Espíritos de Coimbra — Distribuição gratuita*».

Sob esta epígrafe, transcrevemos com grato prazer do devotado campeão da causa espirita de Braga — «*Luz e Caridade*»:

«Num pequeno folheto, resolveram os nossos Confrades de Coimbra fazer publicar o magistral artigo que o Dr. António Freire inseriu no Órgão da Federação Espirita Portuguesa, comentando e combatendo com o seu invulgar talento, apoiado nos Evangelhos e em factos históricos, a já célebre Pastoral em que o Senhor Arcebispo da nossa diocese, se dignou excomungar esta Revista e o nosso Centro Espirita.

Este longo artigo foi a resposta mais formal e bem fundamentada que os espiritas portugueses poderiam ter dado a tão descabida e injusta como quixotesca resolução de Sua Eminência.

Agradecendo ao nosso prezado Confrade, Dr. António Freire, a sua calorosa defesa, felicitamos os espiritas de Coimbra pela sua lembrança, a qual muito nos penhorou».

Congresso Internacional de Espiritismo — Este congresso, que se realiza trienalmente, terá lugar êste ano em Londres, de 7 a 15 de Setembro, nele participando, como nos congressos congêneres anteriores, sábios de renome mundial, quer do velho, quer do novo mundo. Estamos informados que nele se debaterão teses interessantes e de grande actualidade, no triplíce aspecto: científico, filosófico e social. A metapsíquica será objecto de comunicações de alto valor.

A Federação Espirita Portuguesa já foi convidada oficialmente para se fazer representar, tendo sido incumbida de alguns trabalhos preparatórios, que já estão concluídos, tendo já sido enviados ao Secretário Geral do Congresso.

Os trabalhos do Congresso serão divididos em cinco secções:

1.^a — *Fenómenos psíquicos e mediantícos.*

2.^a — *Doutrina, Filosofia, Ética.*

3.^a — *Propaganda, Organização, Bibliografia.*

4.^a — *Exposição Espírita* (aberta durante o Congresso).

5.^a — *Sessões para a demonstração dos fenómenos e da mediunidade.*

No próximo número será publicado o programa completo que já foi enviado a esta Federação.

A' dedicação e generosidade dos nossos Confrades confiamos a propaganda e expansão desta Revista, e a assistência à «Caixa de Propaganda» :

Federação Espírita Espanhola — A Federação Espírita Portuguesa regista com profundo reconhecimento as provas inequívocas de aprêço e de confraternização que tem recebido das Federações congêneres da Europa e da América, como aplauso e incitamento à orientação que tem seguido inflexivelmente, expressa no seu órgão oficial. Mas é com grato desvanecimento que registamos o carinhoso acolhimento e o fraternal estreitamento de relações que já ligam intimamente esta Federação à ilustre e gloriosa Federação Espírita Espanhola, que vem desenvolvendo, em tôda a Espanha, através de todos os sacrifícios, uma inteligente e activíssima acção de propaganda, contando no seu seio personalidades de categorizado relevo social, quer no meio científico, quer no meio literário.

A Federação Espírita Espanhola, teve a gentileza de recomendar no seu «*Boletim Oficial*», a todos os Confrades espanhóis, a «*Revista de Espiritismo*», órgão da Federação Espírita Portuguesa, tendo ficado Representante geral para Espanha, desta revista, o ilustre Secretário Geral da Federação Espírita Espanhola, sr. Dom Juan Torras Serra, a quem agradecemos tão subida prova de aprêço.

Como lógico e natural produto do affectuoso estreitamento de relações entre as duas Federações, não será difícil prever, para ocasião oportuna, a realização do primeiro **Congresso Espirita Espano-Português**, legítima coroação da mútua confraternização para o intercâmbio espiritista luso-espanhol.

Saudando fraternalmente a Federação Espírita Espanhola, cumpre-nos agradecer o carinhoso e gentil acolhimento que tem dispensado a esta Federação.

Livros recebidos — Agradecemos o grande número de livros, alguns com dedica-

tórias gentilíssimas, que tem sido enviados a esta Redacção, sobressaindo algumas obras de alto valor, especialmente as dos eminentes escritores: prof. E. Bozzano, Delanne, C. Borderieux, G. Mondeil, Dr. P. Carton, etc., que serão apreciadas oportunamente na Secção Bibliográfica.

Congresso Espirita Latino-Americano — Patrocinado e inspirado pela Federação Espírita Espanhola, estão lançadas as bases para o primeiro Congresso Espirita Latino, com a participação de tôda a América latina, devendo revestir grande brilhantismo pelos valiosos elementos que nele hão de intervir, devendo realizar-se em Barcelona, em Janeiro de 1929, durante a Exposição Internacional de Sevilha e de Barcelona.

A Federação Espírita Portuguesa, integrada neste movimento desde o seu início, está trabalhando activamente em perfeita comunhão de vista com a Federação Espírita Espanhola, a quem está ligada pela mais íntima confraternização, para que êste Congresso seja coroado do mais pleno e completo êxito para a causa espírita.

A Federação Espírita Portuguesa está enviando todos os seus esforços para que êste Congresso obtenha o valioso concurso da Federação Espirita Internacional, da Federação Espírita Brasileira, e das Federações congêneres estadoais, do Brasil.

Parahyba do Norte (Brasil), festeja o Delegado da Federação Espirita Portuguesa, sr. António José Alves — A Federação Espírita Parahybana, uma das mais activas e bem orientadas do Brasil, teve a extrema gentileza de realizar uma sessão extraordinária na sua magnífica sede em homenagem à Federação Espirita Portuguesa, quando da estada naquela capital do Delegado especial da F. E. P., no Brasil, sr. António José Alves.

O vasto salão estava repleto duma assistência numerosa e selecta, predominando os melhores elementos espiritas daquela florescente e linda cidade.

Falaram primorosamente os nossos ilustres Confrades, srs: José Augusto T. Romero e Raul de Azevedo, respectivamente, dignísimos Presidente e Secretário da Federação Espirita Parahybana, enaltecendo a obra realizada pela Federação Espirita Portuguesa e proclamando, entusiástica e vibrantemente, a confraternização espiritista luso-brasileira.

Em nome da Federação Espirita Portuguesa agradeceu eloquentemente o nosso querido e prestimoso Confrade, António José Alves, a quem esta Federação deve os mais valiosos e relevantes serviços para a affectuosa confraternização que une os espiritas brasileiros e portugueses.

Cumpre-nos agradecer à Federação Espirita Parahybana a cativante gentileza com que distinguu esta Federação, e aos nossos ilustres e dedicados Confrades, srs. José A.

T. Roméro e Raul de Azevedo, a quem o espiritismo deve o melhor da sua intelligencia e persistente esforço, as bondosas palavras de aprêço e de encorajamento para a obra realizada pela Federação Espirita Portuguesa.

Participações: — Tiveram a gentileza, que muito agradecemos, de nos comunicar os seus novos Corpos Gerentes, as seguintes colectividades espiritas do Brasil:

Centro Espirita Fraternidade — Rio de Janeiro.

Centro Espirita Jesus — Jaguarão (Rio Grande do Sul).

Grupo Espirita Anibal Cardoso — Maceió (Alagoas).

Grupo União Espirita — Maceió (Alagoas).

Federação Espirita Pernambucana — Recife.

Com as nossas saudações fraternais aos novos e dignos Corpos Gerentes, fazemos os melhores votos para que a Luz Cristã os illumine e fortaleça na sua árdua e gloriosa missão, para que frutifique a bendita seara de Jesus.

— A Direcção da revista espirita «*Alma*», de Montevideu (Uruguai), órgão do Centro Espirita «Luz de la Nueva», pede-nos para tornar público que acaba de se instalar no *Calle Arenal Grande*, N.º 1777.

NOTÍCIAS DIVERSAS

A *Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas* acaba de convidar gentilmente o nosso Confrade, Dr. António J. Freire, para ir fazer ao Pôrto duas conferências públicas sôbre Espiritismo, que se devem realizar em abril p. f., no salão nobre do Ateneu Comercial, cedido por especial deferência daquela prestigiosa Corporação, e na sede da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, subordinadas aos temas: «*O Espiritismo à face da Ciência e das Religiões*» — «*O Espiritismo e a Renascença Neo-Espiritualista contemporânea*».

— Forçado pelos extenuantes trabalhos liceais, deixou de fazer parte da Comissão Directiva desta revista, o nosso prezado Confrade, sr. Dr. José Neves Júnior, ilustre Professor do Liceu Camões, a quem nos liga a melhor camaradagem, esperando que oportunamente enriqueça esta revista com a sua brilhante colaboração.

— Trabalha-se activamente para a constituição da *União Espirita Alentejana*, especialmente em Beja, a que esta Federação presta todo o seu concurso e valimento, pedindo a valiosa e franca colaboração de todos os espiritas alentejanos, que devem dirigir a sua adesão e alvitres ao nosso dedicado Confrade, sr. José Zarco Júnior, digno Director da «*Voz do Além*» e dedicado Presidente da Comissão Federativa de Propaganda Espirita, de Beja, um dos mais esforçados campeões da causa espirita em Portugal.

— Com numerosa assistência, que vai aumentando de dia para dia, teem continuado com tóda a regularidade as palestras doutrinárias e as sessões experimentais, todos os sábados, à noite, na sede da Federação, que já se torna insufficientissima e incómoda para tão elevado número de assistentes. Por êste e outros motivos de imperiosa necessidade e urgência, na impossibilidade de se conseguir casa nas devidas condições, há tóda a possibilidade que, na próxima reunião do Conselho Superior Deliberativo, sejam lançadas as bases para uma larga subscrição a-fim-de se adquirir sede própria para a Federação Espirita Portuguesa. Neste sentido pedimos a todos os nossos dedicados Confrades se dignem enviar a esta Federação os alvitres mais consentâneos para a realização desta aspiração que é hoje o problema máximo para o progresso e desenvolvimento do movimento espirita português.

— Foram nomeados numerosos Delegados da Federação Espirita Portuguesa e Representantes desta revista na Província, Ilhas, Colónias, Brasil e Estrangeiro, cujos nomes serão publicados no próximo número, limitando-nos, por agora, a agradecer a dedicação e carinho com que acolheram as respectivas nomeações.

— A Direcção da Federação Espirita Portuguesa está organizando uma série de conferências públicas de propaganda espirita quer em Lisboa, quer na Província, contando desde já com a aquiescência dos srs: D. Maria O'Neill, Luciano Silva, António L. Vilela, Dr. António J. Freire, Pedro Cardia, A. A. de Freitas e Silva e de outros oradores. No próximo número serão publicados os temas de algumas conferências, que serão oportunamente anunciadas.

— Já está organizada a série de monografias de propaganda espirita, editadas por esta Federação, e de distribuição gratuita. A primeira, que muito em breve será editada, é subordinada ao titulo «*Catecismo Neo-Espiritualista*», da autoria do sr. Pedro Cardia, Secretário geral da F. E. P., que o público saberá apreciar devidamente.

— Vários jornais e revistas estrangeiras teem tido a gentileza de transcrever e traduzir alguns artigos publicados nesta revista, da autoria dos srs: Dr.ª Amélia Cardia, António L. Vilela, Dr. António J. Freire e Pedro Cardia. Ultimamente o órgão oficial da Federação Espirita Belga traduziu o artigo do Dr. António J. Freire, — Materialismo, Positivismo, Espiritualismo — distincção que desvanecidamente agradecemos.

A todos os nossos camaradas da imprensa pedimos a fineza de fazerem a indicação desta revista nas respectivas transcrições.

— Na próxima reunião do Conselho Superior Deliberativo serão nomeadas as Comissões de Assistência aos necessitados e aos

presos, e a Comissão Central de Propaganda Espírita de Lisboa, com as respectivas Sub-comissões Académica e Operária.

Também será determinado o dia para a convocação duma Assembleia Geral extraordinária para a nomeação de vários cargos e resolução da melhor forma de obter os meios necessários para adquirir edificio próprio para a sede desta Federação, cuja necessidade, de dia para dia, se torna imperiosa e urgente. Estamos certos que todos os espíritas hão de acolher esta notícia com alvoroço e entusiasmo, concorrendo, na medida das suas forças, para um êxito completo e triunfal desta justa e inadiável aspiração.

— Esta revista iniciou, há dias, um inquérito às principais sumidades científicas e literárias europeias e americanas, pedindo o seu depoimento sôbre o valor científico, filosófico, moral e social do Espiritismo.

As respostas serão publicadas nesta revista à medida que forem recebidas.

— Assumi o cargo de Secretário da Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, do Rio de Janeiro, o nosso prezado Confrade, Sr. José Carlos Chelmicki Afflalo, a quem esta Federação já deve dedicados e relevantíssimos serviços. Só nos resta agradecer mais êste sacrifício em benefício da nossa causa.

Subscrição Pró-Federação Espírita Portuguesa

(Para despesas de instalação)

Firmino da Assunção Teixeira, Póvoa de Varzim — 1.000\$00; Centro Espírita de Moura — 150\$00; Dâmaso Luís dos Santos, Vieira de Leiria — 50\$00; Manuel Gaspar Guerra, Vieira de Leiria — 50\$00; J. Rodrigues da Silva, Vieira de Leiria — 50\$00; Raúl Tomé Féteira, Vieira de Leiria — 50\$00; João Tomé Féteira, Vieira de Leiria — 50\$00; Francisco Tomé Féteira, Vieira de Leiria — 50\$00; Luís José Ferreira, Vieira de Leiria — 50\$00; António Teodóso Pedrosa, Vieira de Leiria — 50\$00; P. G. C., Lisboa — 50\$00; Custódio Correia, Vieira de Leiria — 30\$00; Albano Tomé Féteira, Vieira de Leiria — 30\$00; Francisco Alves, Campo Maior — 25\$00; Luís Lopes Alves, Lisboa — 25\$00; Inácio dos Santos, Alfarelos — 20\$00; José Inácio Alves, Vieira de Leiria — 20\$00; José Maria Chaves Costa, Vieira de Leiria — 20\$00; José Parracho, Vieira de Leiria — 10\$00; S. Brito Bettencourt, Lisboa — 70\$00; J. Máximo de Sousa, Estoi — 10\$00; Francisco de Sousa Eusébio, Estoi — 10\$00; Alberto Falcão, Oliveira de Azemeis — 5\$00; D. Luísa da Conceição Alves, Lisboa — 5\$00; Carlos Quezada, Lisboa — 1\$00; António L. Vilela, Lisboa — 10\$00; Capitão José António Lamelas, Lisboa — 10\$00; Sebastião Ribeiro, Lisboa — 2\$50; Luís Moreira Pragana, Lisboa — 20\$00; José L. de Castro, Lisboa — 2\$50; António M. Cavaco, Lisboa — 2\$50; Artur António da Silva, Lisboa — 5\$00; José Martins, Lisboa — 2\$50; José A. Mascarenhas, Lisboa — 10\$00; Horácio Inglês Tavares, Lisboa — 2\$50; Luís António Branco, Lisboa — 10\$00; Grupo Espírita General Passaláqua, Lisboa — 30\$00; D. Luísa Ludovice, Lisboa — 5\$00; José Duarte Gomes, Lisboa — 2\$00.

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Rafael Fernandes de Oliveira Gomes, Ribeiradio Vale de Vouga — 100\$00; José Ferreira Saraiva, Bagé — 75\$00; Tenente Joaquim Vieira Figueiredo, Almeirim — 45\$50; Luís F. Calhau, Rio de Janeiro — 21\$50; D. Adelina de Jesus Ferreira, Cartaxo — 20\$00; Anónimo, Lisboa — 20\$00; O. P. L., Lisboa — 20\$00; D. M. G., Lisboa — 20\$00; António Rodrigues Pereira, Reguengos de Monsarás — 20\$00; João da Cruz Sobral, e Joaquim Martins Gonçalves, Grupo Espírita de Loivos — 20\$00; D. Palmira Amorim Armas, Açores — 19\$50; José Antunes, Fundão — 15\$00; D. Rita de Sousa Pádua, Vila Real de Santo António — 15\$00; Agnel A. A. Henriques, Cabo Verde — 12\$00; Anónimo, Lisboa — 10\$27; M. M., Lisboa — 10\$00; Fonseca Moreira, Rio de Janeiro — 10\$00; Alfredo Nunes, Lisboa — 10\$00; Grupo Espírita Fé, Esperança e Caridade, Lisboa — 10\$00; Manuel Francisco, América do Norte — 10\$00; D. Ana Maria da Costa, Lisboa — 5\$00; Alfredo Augusto Cardoso, Lousada do Douro — 5\$00; Oriente, Lisboa — 5\$00; Lino de Oliveira, Lisboa — 6\$00; José Duarte Gomes, Lisboa — 1\$00; Anónimo, Lisboa — \$50.